

O GOVERNO em marcha...are

O sr. Ildo Meneghetti, governador eleito do Rio Grande do Sul, negou em termos categóricos a este columnista, ontem à tarde, que estivesse comprometido com o grupo golpista que tem o sr. Corvo como principal porta-voz. Em seguida, entregou-nos a seguinte declaração escrita autenticada pelo seu secretário:

«A sucessão presidencial não deve ser um problema, mas um ato de rotina, ainda que dos mais importantes, em todas as democracias realmente evoluídas. Após algumas referências ao barulho que se está fazendo, vaticinou o sr. Meneghetti:

— Contra em que, afinal, prevalecerão os melhores propósitos e a nação chegará ao término do episódio da sucessão sem que se abalem os alceceres das instituições.

Há sinceridade nisso?

Paz social

O sr. Napoleão Alencastro, que voltou da Bahia, está muito satisfeito com a paz social existente no país mas não falou nada sobre a greve na companhia de navegação aérea de que é sócio — a Panair. Os jornalistas acreditados em seu gabinete, o ministro da Indústria e Comércio fizeram as seguintes palavras:

— Sentiu na Bahia, que há realmente um clima de absoluta compreensão entre empregados e empregadores, o que vem facilitar a política econômico-social encetada pelo presidente Café Filho.

«Acho-te uma graça, doutor Bengala!

Não dormem

Os golpistas de 21 de agosto continuam agindo sem medo nem temor com o objetivo de evitar uma eleição realmente democrática em outubro próximo. Ainda ontem, o sr. Cordeiro de Farias, que é general, procurou no Hotel OK's o sr. Ildo Meneghetti e pediu-lhe assinatura para um manifesto pró-candidatura única. Não sei o que respondeu o sr.

Falou demais

Hoje estou, como diria Ibraim, decididamente entrevistador. O ex-prefeito Costa Porto também caiu na minha rede e disse, inadvertido, após haver lido um mapa estatístico realizado por gente séria:

— De novembro de 53 a outubro de 54, a importação brasileira de plantas e produtos agrícolas sobrepujou a exportação em 360.859.240 quilos.

não tem tempo para veranejar, ao responder a uma pergunta se iria passar o verão em Petrópolis, avisou ontem aos seus auxiliares mais imediatos, que possivelmente nos próximos dias se transferiria para a cidade serrana. Agora ele arranjou tempo.

— Foi o Juarez — comentou um auxiliar de Café — que mandou o presidente veranejar. Aqui, com este calor, ele dá muito trabalho.

NOVA MENTALIDADE

O sr. Julio Poetscher, diretor da Associação Commercial, iniciou, ontem, uma campanha visando a obtenção de melhores mercados para o café brasileiro. Depois de atuar a orientação do governo de 24 de agosto, disse textualmente o sr. Poetscher:

— «Face à brutal realidade que as estatísticas nos mostram só nos restará um caminho: exportar café por meios e métodos que ainda não utilizamos. Os norte-americanos, justamente os que mais café nos consomem, quando desejam vender-nos algo, instalam aqui seus escritórios, seus depósitos e suas fábricas. Intensificam sua propaganda, não para vender automóveis em termos generalizados, mas sim os seus automóveis, o seu Chevrolet, o seu Ford, etc.

Pregou o sr. Julio Poetscher, depois, «nova mentalidade exportadora», o que, em outras palavras, significa: novos mercados, novos consumidores. E onde estão?

Iraias Caminha

Conclusões

Esperada Hoje...

tação dos grevistas, que aguardariam entretanto, a resposta dos patrões, para então se pronunciar a respeito.

ENTENDIMENTOS INFATILÍFEROS

Os entendimentos haviam entrepostos no Departamento de Aeronáutica Civil, no qual tomaram parte o brigadeiro Abílio Machado, o sr. Paulo Sampaio (presidente da Panair) e um representante dos grevistas, resultaram infértil, face a intrusividade da empresa única de aviação em tudo relativamente ao comando Louro Roque e tampouco afastar de seus cargos o atual chefe de Operações e piloto-chefe, causadores do descontentamento geral do grupo de vôlei da Panair.

No dia de ontem não houve alteração no panorama da greve. Os grevistas, que são apenas 16 entre 180, atingiram em bom número o limite mensal de 100 horas de vôlei e por isso as viagens na Panair cessaram quase que por completo. O próprio público, comprendendo a justiça de greve e a insegurança das viagens photadadas, deixou as moscas as agências da Panair, recorrendo a outras empresas, razão por que já vive.

O GOVERNO AJUDA A PANAIR

Desde o inicio do movimento grevista, o governo definiu sua posição: em defesa da Panair, contra os

Bairro...

dois anos, escapou por pouco. Um projeto caiu perto dele.

O muro da casa do sr. Altimiro Monteiro na Rua Eller do Alvarenga, nº 162, foi danificado por uma bala. Mais duas casas também, atingidas, ficaram danificadas, as das srs. Paulo José das Neves, 113 e Nilton de Souza na Rua França Leite, nº 500.

REINICÉNCIA

Fatos dessa natureza estão se repetindo com frequência. Em nossas colunas já tivemos oportunidade de denunciá-los, e com veemência, mais de uma vez. Entretanto, o governo prossegue em sua criminosa política de guerra, passando agora a bombardear populações civis, como a de Olinda.

ALTA CONTRIBUIÇÃO A PAZ SOCIAL

Na última terça-feira, 16, foi o deputado Crisanto Moreira da Rocha, do PR cearense, que nos declarou: «Sempre entendi que a energia nuclear deve ser empregada exclusivamente, para fins pacíficos, razão por que já vive.

Alta Contribuição...

dando ampla divulgação ao progresso que a ciência tem obtido em todos os terrenos, principalmente no atômico, iniciáramos na nova era de felicidade e paz para toda a humanidade.

ALTA CONTRIBUIÇÃO A PAZ SOCIAL

Na última terça-feira, 16, foi o deputado Crisanto Moreira da Rocha, do PR cearense, que nos declarou:

— Sempre entendi que a energia nuclear deve ser empregada exclusivamente, para fins pacíficos, razão por que já vive.

Retorna Hoje...

o candidato dos petecistas é o presidente do Sindicato dos Padeiros, Rafael Francisco de Almeida, atualmente como primeiro suplente na legenda do PSD. Ainda nessa cidade, o deputado estadual, os democristãos sufragaram o nome de outro candidato pelo Partido Socialista, Newton Guerra, que receberá, igualmente, votação maciça em Caxias, Campos, Macaé e Barra do Piraí.

CANDIDATO CAMPOS

Em Caxias, onde, a 3 de outubro, foram anuladas cin-

Calças! Calças! Calças!

Americanas a Cr\$ 75,00; de couro a Cr\$ 400,00; de camurça a Cr\$ 220,00; guabardine e tricô a Cr\$ 200,00. Confecções AMARYL também Praça da República, 52 — 1º andar.

A Política de Café...

As prisões foram as maiores arbitrariedades e violentas possíveis. Trabalhadores que passavam pela Rua São Francisco Xavier com cariocinhas de pão ou de leite, eram detidos e levados para o Maracanã.

PROTESTO

O operário Levi Ferreira, uma das vítimas daquela detenção em massa, disse-nos que presenciou quando foi preso o operário Gumericino de Oliveira Leal, que trabalhava em um posto de gasolina no Engenho Novo e chegava em casa, na hora do assalto. Seu lar foi invadido e intimidada sua esposa, que se encontra gravida. Os policiais, de metralhadora em punho, aterrorizaram inclusive as quatro crianças, filhas do operário, que se encontravam em casa. Assustou também, à prisão do operário Cleto de Britto, quando saiu do trabalho no Depósito da CCPL. E este — explica — até se encontrava com documentos, pois, quando abordado apresentou sua carteira de identidade. Por fim, o próprio Levi Ferreira também foi preso, perdendo o dia de sábado e o repouso remunerado.

POPULAÇÃO DAS FAVELAS

O IBGE, em seu estudo «As favelas do Distrito Federal e o Recenseamento de 1950» apresenta a população favelada como sendo de 169.300 habitantes, distribuídos por 58 favelas. O Serviço Nacional de Feira Anarela, por sua vez, aponta a existência de 90 mil barracos, construídos também em terrenos baldios e quintais, o que eleva o total de favelados a cerca de 340 mil pessoas.

E o próprio IBGE, o go-

verno portanto, que se encarrega também a polícia, que está fazendo constatar, por isso, uma violência e um atentado à dignidade dos direitos do cidadão garantidos pela Constituição. Fere o parágrafo 13 do artigo 141 da Constituição da República que diz: «A casa é o asilo inviolável do indivíduo. Ninguém poderá nele penetrar à noite sem consentimento do morador, a não ser para auditar a vitimidade de crime ou desastre, nem durante o dia, fora das casas e pela forma que a lei estabelece».

Desrespeita também a polícia o próprio Código Penal, no seu artigo 150, que considera crime a entrada em domicílio alheio, proibindo-se entrar ou permanecer clandestino ou astuciosamente ou contra a vontade do dono de direito.

Na realidade, a polícia do sr. Café Filho está provendo, a pretexto de combate ao crime, uma verdadeira guerra à parte mais dura da população carioca.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

Em Caxias serão renovadas as seções número 34, 35, 36 e 37.

EM CAXIAS

VAI A MOSCOU

LONDRES, 22 (AFP) — Jacob Malik, embaixador da União Soviética em Londres, deixou hoje de manhã esta Capital, por via aérea, com destino a Moscou, chamado para consultas pelo seu governo. A partida de Malik havia sido retardada durante mais de duas horas pelo voo-viato da região londrina.

700 MIL GREVISTAS NA ALEMANHA OCIDENTAL

MANIFESTAÇÕES DO POVO CHINÉS CONTRA O TRATADO AGRESSIVO —



Centenas de camponeses da região de Foochow, capital da província de Fukien, participam de um comício de protesto contra o recente tratado assinado pelos americanos com Chiang Kai Shek. Estão os chineses firmemente dispostos a libertar Formosa.

Porta - Aviões Americanos Para a Região de Formosa

Continuando sua política agressiva contra a China, Eisenhower pedirá, amanhã, ao Congresso maiores poderes para a intervenção armada —

HONOLULU, 22 (AFP)

Um porta-voz do Estado-Maior norte-americano confirmou que os porta-aviões rápidos «Essex», «Earsarge» e «Yorktown» haviam deixado Manilha ontem. Declarou uma elevada personalidade do Estado-Maior do Pearl Harbour que seria uma «boa hipótese» supor que esses navios houvessem seguido para a região da Ilha Formosa.

DECIDE EISENHOWER SOBRE FORMOSA

WASHINGTON, 22 (AFP) — O presidente Eisenhower enviaria ao Congresso, depois de amanhã, segunda-feira, uma mensagem especial a fim de obter a autoridade necessária para fixar a linha de

defesa norte-americana no Extremo Oriente, anunciou o sr. Joseph Martin, líder da minoria republicana na Câmara dos Representantes, depois de uma conferência com

o presidente dos Estados Unidos.

Depois de ter dado essa notícia aos jornalistas, o sr. Martin acrescentou que o presidente tem dúvida alguma

Detido o Coronel Monzon

GUATEMALA, 22 (AFP) — O coronel Elfeo Monzon, que foi chefe da junta que depois o presidente Jacobo Arbenz foi detido ontem, por uma patrulha da polícia, sob suspeita de ter participado do movimento contra a base militar «La Aurora».

O coronel Francisco Conzena, pressuposto chefe da revolta de quinta-feira, está sendo procurado pela polícia.

80 PRESOS

GUATEMALA, 22 (AL)

Um comunicado oficial anuncia que na tentativa para apoderar-se de várias bases e guarnições capitais, encontraram a morte o major das forças aéreas Grana, um tenente, um suboficial e três sargentos, acrescentando que em consequência dos acontecimentos foram presas centena pessoas, aproximadamente.

Momentos depois dos acontecimentos as autoridades judiciais inspecionaram o teatro dos combates, retiraram cadáveres e ordenaram necropsias e inumações.

PROVOCAÇÃO

LOS ANGELES, 22 (AFP)

Se fosse apoiada por aparelhos do Exército do Norte-americano, a 7ª Esquadra seria suficientemente forte para repelir qualquer ataque contra Formosa declarou, hoje, o almirante Felix Stumpf, comandante-chefe da Esquadra norte-americana do Pacífico.

INDICOU O PRIMEIRO-MINISTRO

TAIPEH, 22 (AFP) — As autoridades militares de Formosa anunciam que estão

reunindo esforços para a evacuação da população civil em Ima

Tachen.

EVACUAÇÃO DE TACHEN

TAIPEH, 22 (AFP) — Pe

la primeira vez desde a to

da de Yikiangshan, 20 aparelhos chineses sobre-

voaram a região de Tachen,

anunciou um comunicado de Formosa que acrescenta que

esses aparelhos não ataca-

ram.

Diz ainda o comunicado

que hoje não houve duelo

de artilharia no front Quem-

ov-Amov.

DECISÃO HAYAMA

TAIPEH, 22 (AFP) — As

autoridades militares de For-

mosa anunciam que esta-

vam anunciar a evacuação

da população civil em Ima

Tachen.

INDEPENDÊNCIA

TOQUIO, 22 (AFP) — A

independência e a coexis-

tância são os objetivos da po-

lítica japonesa, — declarou

o ministro Ichiro Hayama

no seu primeiro dis-

cuso a respeito de política

geral.

ACRESCENTOU HAYAMA

ma: «Acredito que a tarefa

principal do Japão neste mo-

mento seja a de atingir a

independência e prosseguir

em uma política livre a fim

de assegurar a paz mundial

bem como a coexistência

com os demais países do

mundo.»

INDICOU O PRIMEIRO-MINISTRO

TOQUIO, 22 (AFP) — A

intenção de reforçar o po-

dêrio militar do Japão com

a finalidade de apressar a

retirada das tropas estran-

geiras que estão instaladas

no país.

DECISÃO HAYAMA

TOQUIO, 22 (AFP) — A

independência e a coexis-

tância são os objetivos da po-

lítica japonesa, — declarou

o ministro Ichiro Hayama

no seu primeiro dis-

cuso a respeito de política

geral.

INDEPENDÊNCIA

TOQUIO, 22 (AFP) — A

independência e a coexis-

tância são os objetivos da po-

lítica japonesa, — declarou

o ministro Ichiro Hayama

no seu primeiro dis-

cuso a respeito de política

geral.

INDEPENDÊNCIA

TOQUIO, 22 (AFP) — A

independência e a coexis-

tância são os objetivos da po-

lítica japonesa, — declarou

o ministro Ichiro Hayama

no seu primeiro dis-

cuso a respeito de política

geral.

INDEPENDÊNCIA

TOQUIO, 22 (AFP) — A

independência e a coexis-

tância são os objetivos da po-

lítica japonesa, — declarou

o ministro Ichiro Hayama

no seu primeiro dis-

cuso a respeito de política

geral.

INDEPENDÊNCIA

TOQUIO, 22 (AFP) — A

independência e a coexis-

tância são os objetivos da po-

lítica japonesa, — declarou

o ministro Ichiro Hayama

no seu primeiro dis-

cuso a respeito de política

geral.

INDEPENDÊNCIA

TOQUIO, 22 (AFP) — A

independência e a coexis-

tância são os objetivos da po-

lítica japonesa, — declarou

o ministro Ichiro Hayama

no seu primeiro dis-

cuso a respeito de política

geral.

INDEPENDÊNCIA

TOQUIO, 22 (AFP) — A

independência e a coexis-

tância são os objetivos da po-

lítica japonesa, — declarou

o ministro Ichiro Hayama

no seu primeiro dis-

cuso a respeito de política

geral.

INDEPENDÊNCIA

TOQUIO, 22 (AFP) — A

independência e a coexis-

tância são os objetivos da po-

lítica japonesa, — declarou

o ministro Ichiro Hayama

no seu primeiro dis-

cuso a respeito de política

geral.

INDEPENDÊNCIA

TOQUIO, 22 (AFP) — A

independência e a coexis-

tância são os objetivos da po-

lítica japonesa, — declarou

o ministro Ichiro Hayama

no seu primeiro dis-

cuso a respeito de política

geral.

INDEPENDÊNCIA

TOQUIO, 22 (AFP) — A

independência e a coexis-

tância são os objetivos da po-

lítica japonesa, — declarou

o ministro Ichiro Hayama

no seu primeiro dis-

cuso a respeito de política

geral.

Os bancários cariocas vão reunir-se em grande assembleia na próxima quarta-feira para decidir os dois assuntos da máxima importância para eles: a posse da diretoria eleita e aumento de salários. A propósito ouvimos ontem o novo presidente eleito do sindicato, sr. Huberto Pinheiro, que nos declarou:

— De acordo com decisão da assembleia de 28 de dezembro último, o aumento anteriormente reivindicado de 1.200 cruzados, que se destinava a atender a uma situação de emergência, foi considerado superado em virtude da ausência de resposta dos srs. banqueiros. Agora, tendo em vista o aumento vertiginoso do custo da vida e o término, à 27 do corrente, do último acordo salarial, é necessária uma revisão do aumento em bases mais justas e capazes

Inseparáveis Para os Bancários O Aumento e a Posse da Diretoria

Fala à IMPRENSA POPULAR o presidente eleito do Sindicato, sr. Huberto Pinheiro — A suspensão da posse da diretoria prejudicou a campanha eleitoral

de atender às necessidades da corporação no presente momento.

O AUMENTO E A POSSE

A uma pergunta nossa sobre a situação recente

judicou de muito a questão da revisão salarial. Resolvida a questão da posse, já na assembleia convocada para quarta-feira, podemos concentrar toda a nossa atividade exclusivamente em função da campanha salarial, nas bases fixadas pelos próprios bancários.

PELA UNIDADE

— Estamos certos — acrescentou — que sabemos cumprir o mandato que livre e democráticamente nos foi concedido, executando o programa com que nos apresentamos às eleições. Nossa preocupação será, antes de tudo, aprofundar e consolidar a unidade de todos os bancários em torno da luta por nossos interesses comuns, único meio, creio eu, para assegurar a vitória das nossas reivindicações.

Vida Sindical!

ASSEMBLEIAS

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE ARTEFATOS DE COURO — Amanhã, dia 23, segunda-feira, às 17,30 ou 18 horas em segunda e última convocação, na sede, à Rua Quilo, 168 (Penha), haverá assembleia geral extraordinária para apresentação, discussão e aprovação dos novos Estatutos.

SINDICATO DOS BARBEIROS E CABELEIREIROS — Amanhã, dia 24, em assembleia geral extraordinária, às 3 ou 4 horas da manhã, em segunda e última convocação, a diretoria proporá aos associados aumento de mensalidade.

ENERGIA ELÉTRICA — Amanhã, dia 24, às 12 ou 16 horas em segunda e última convocação, haverá assembleia geral extraordinária na sede do Sindicato dos Trabalhadores em Energia Elétrica e Produção do Gás. SERVIÇOS EM PEDRERIA

— No dia 20 vindouro, às 14 ou 19 horas em segunda e última convocação, haverá assembleia geral extraordinária na sede do Sindicato dos Trabalhadores em Pedreiras, Mármore e Extração de Calcareo. Nessas serão incluída a campanha salarial.

ELEIÇÕES

PARA DELEGADOS ELEITORES

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDUSTRIA DE ELETRO-ESTRUTURA — Desde dia 20 p.m. até 21 de fevereiro vindouro ficam abertas na secretaria da entidade as inscrições de candidatos a delegados-eleitores no Conselho Fiscal do IAPI.

SINDICATO DOS BARBEIROS E CABELEIREIROS — Desde ontem, dia 21, e durante 20 dias, estarão abertas na secretaria do sindicato as inscrições de candidatos a delegados-eleitores para eleger o novo Conselho Fiscal do IAPI.

SINDICATO DOS EMPREGADOS EM ESCRITÓRIOS DE AVIAÇÃO — Na secretaria do sindicato já se encontram inseridos para concorrer às eleições marcadas para 17 de fevereiro vindouro os seguintes candidatos: Alvaro Díaz, Almeida, Catano Teixeira e Lourenço Carlos Bak.

SINDICATO DOS METALURGICOS — Este atinge a sua 20ª edição, marcada dia 26 de fevereiro para inscrições de candidatos a delegados-eleitores para o Conselho Fiscal do IAPI. Há um candidato já registrado, em torno do qual se reúne a maioria da comunidade. Silvestre, o presidente da Comissão Permanente Regional do Congresso de Previdência Social.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NO COMÉRCIO HOTELEIRO — Esta correndo desde o dia 18 o prazo para inscrição de candidatos a delegados-eleitores para o Conselho Fiscal do IAPI.

SINDICATO DOS OFICIAIS DE MAQUINAS DA MARINHA MERCANTE — Convocam eleições para escolha de delegados-eleitores ao Conselho da Marinha Mercante, na secretaria das 14 horas.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA IND. DE PRODUTOS QUÍMICOS — As inscrições poderão ser feitas até o dia 27 vindouro e a assembleia de eleição do delegado-eleitor ao Conselho da Marinha Mercante.

SINDICATO DOS RODOVIARIOS — O pleito se realizará dia 24 e 25 de deste mês. Convocam ainda para uma chapa encabeçada pelo associado Antônio Coutinho Vale.

SINDICATO NACIONAL DOS MOTORISTAS DA M.M. — As inscrições para eleições marcadas para 21 e 22 de fevereiro vindouro duas chapas foram registradas na secretaria do Sindicato; a 21, encabeçada pelo associado Antônio Carneiro da Silva, e a 22, pelo associado Joaquim Telles. Representa a chapa encabeçada pelo associado Carlos Lofrane, e a segunda pelo atingido e estimado líder Plínio Alves, cuja vitória parece provável.

SINDICATO NACIONAL DOS OFICIAIS DE NAUTICA — As inscrições para eleições fixadas para 14 de março vindouro para a realização das eleições. O prazo está correndo, e expirará no próximo dia 29, para o registro de chapas na secretaria do sindicato.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDUSTRIA DE MINEROS — Para as eleições que estão fagotadas no dia 10 de fevereiro vindouro, foram registradas duas chapas, encabeçadas, a 10 e 25, respectivamente, pelos associados Ubaldino Soárez e Emílio Nériss dos Athos.

Diretorias Eleitas

tudo sob a presidência do associado Aparecido Alves da Mata. Será marcada para breve a assembleia solene de posse.

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM MINEROS — Foi eleita no pleito realizado dia 10 de dezembro do ano passado a nova diretoria encabeçada pelo associado Rivaldo Cavalcanti de Albuquerque. O Conselho de Representantes da Federação Nacional da categoria foram eleitos os associados Alberto Bettarini e Carmelo Calabria. A posse da nova diretoria dar-se-á brevemente.

Posses de Diretoria

No dia 20 vindouro será solenemente empossada a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Energia Elétrica e Produção do Gás. O atual pre-

sidente, sr. Luiz Gonzaga de Matos, nessa oportunidade apresentará longo relatório sobre as atividades da diretoria que presidiu.

OUTRAS NOTÍCIAS

No Sindicato dos Carregadores de Bagagens, por 107 votos contra totalmente inferior, foi eleito presidente o distinto sr. Antônio Alves Branco, que assumirá a presidência da entidade logo após o término do prazo para interposição de recurso.

Os carregadores e encanadores de café, através do seu sindicato, reivindicam aumento de salários, a base de 60% sobre os atuais. Já se reuniu com o Ministro do Trabalho, que, entre outros, os representantes dos trabalhadores e dos empregadores, não tendo obtido resultado alguma.

Terça-feira, próxima, dia 25, haverá nova mesa-redonda sob a presidência do sr. Newton Lima, presidente da Comissão de Dissidio do Ministério.

Os trabalhadores na indústria de perfumarias, através de seu sindicato, acabam de conquistar, em acordo firmado com o sindicato patronal, aumento de salários de Cr\$ 1.200,00, cuja vigência retroage a 1º de janeiro deste ano.

NERVOSOS

Doença de Angustia. Fobias. Insônia. Irritabilidade. Nervosismo. Sentimentos de infelicidade e insecuridade. Idéias do fracasso. Esgotamento. Dificuldades sexuais no homem e na mulher. TRATAMENTO ESPECIALIZADO DOS DISTURBIOS NEUROTICOS

CLINICA PSICOLOGICA

9 as 12 e 14 as 19 - Diariamente
R. ALVARO ALVIM, 21 —
13º AND. — TEL.: 52-3046

Dr. J. Grabois

Membro da "Society for the Psychological Study of Social Issues" — U.S.A.

Mecânico de Máquina de Costura

Conserta, compra e vende máquinas de costura usadas. Reforma em geral — Vendem-se máquinas novas à prestação — Tel.: 49-8310

ADVOGADO

HEITOR ROCHA FARIA
CAUSAS CIVILS, COMERCIAIS
DIREITO DE FAMILIA E INVENTARIOS

Rua do Ouvidor, 169 - S/917 — Tel. 43-6473

MESMO QUEM GANHA POCO PODE OBTER UMA BOA DENTADURA

Dentaduras com estética e mastigação perfeitas, excelente aderência, (Roches) — LABORATORIO DE PROTESE PRÓPRIA — Em casos especiais, dentaduras em um dia apenas — Consultos em 30 minutos — Facilidade de pagamento.

DR. N. ISIDORO — RUA ELPIDIO ROSA MORTO, 235 — 1º and. — Tel.: 18-1013 (Próximo ao SAPS da Praça da Bandeira) — Diariamente, das 8 às 19 horas.

Didi Treinou Ontem Entre os Titulares do Fluminense

VOLTARÁ A SE CONCENTRAR O BOTAFOGO — QUE DORAVANTE O ALVI-NEGRO VOLTARA A SE CONCENTRAR.

O BOTAFOGO ESTA SERIAMENTE EMPENHADO EM FAZER UMA BOA CAMPANHA NO TERCEIRO TURNO, NESSE SENTIDO VÁRIAS PROVIDÊNCIAS ESTAO SENDO TOMADAS. ASSIM, SABE-SE QUE A MEDIDA FOI ACONSELHADA PELO TÉCNICO DO CLUBE ZEZÉ MOREIRA

Despedida do Retorno:

portfotodatede

DEIXA-QUE-EU-CHUTO

Geraldo Romualdo da Silva, com a vitória da oposição na C.B.D., perdeu as "bolas" que ali mantinha por obra e graça de suas laudatórias reportagens. Mas o "Bonito" não se sanga nem perde a linha. Afinal ele ainda é graduadíssimo funcionário do Comando de Imposto Sindical. Por isso sua austeridade não se altera. Um vivo exemplo de deu ontem quando queria dizer "as tempos" escreveu assim:

"Dias passados que já vão longe desse..."

COMPLEXOS

Essa é contribuição do loterista H. Franco, o botafoguense mais conformado que desse plenário já conheceu. "O complexo do Botafogo é perder para os "grandes" do Fluminense, perder para os "pequenos". E o do Vasco é misto: perder para "grandes" e "pequenos".

URSADA

Depois do Flávio, o técnico que eu mais "gosto" é o Zarey, um dos mais "pavônicos" sarrafeadores que o "soccer" metropolitano viu atualmente responsável pela direção técnica do Canto do Rio.

Zarey fez uma ursada conosco. Na última semana de 51, o jornal "Novos Rumos" pediu-nos uma reportagem retrospectiva sobre o campeonato carioca de futebol. Fizemos. E com algumas previsões justas naquela ocasião. Uma era a vitória do Mengo no retorno. Exata. Outra, a ótima campanha do América. Errata também. Mas ao falar sobre o grêmio niteroiense, que mais poderíamos dizer? "Será o lanterninha. Não ganha ninguém vivo". E o diabo é que ganhou. E mais de um dia só.

Quem diabo, Zarey, o cartas do "papai" onde é que fica?

PREVISÃO

Alôis não se trata bem de previsão e sim de conclusão tirada após meditação longa. E baseada em fatos que ainda não são de conhecimento público.

A diretoria do Vasco renunciaria em bloco até os primeiros dias de fevereiro. Sente-se desgraciada inteiramente pelo grupo dos bairros financeiros (Cordilheira, Calçada e caterva) que forçou a contramarcha no caso Flávio.

TREINO

O Flamengo não joga hoje. Vai treinar para o terceiro turno, essa imbecilidade.

Quebrou Sua Dentadura?

Consertos em 15 minutos. Todo tratamento especializado em prótese, por preços populares. Dr. WANDERLEY. Rua Paraíba, 7, 1º and. Praça da Bandeira.

WALDEMAR ARGOLLO

(Carioca)



TECNICO ELETRICISTA AUTOMOTRIZ GRADUADO POR HEMPHILL SCHOOLS DE LOS ANGELES, CALIFORNIA.

ASSISTENCIA TÉCNICA DE ELETRICIDADE E AUTOMÓVEIS

Estrada Monsenhor Felix, 325

IRAJA — RIO DE JANEIRO



Nossos Indicados

O CAMARADA

Madeiras serradas e aparelhadas e materiais para construção em geral. Fabrica artesanal de vistoso que o O CAMARADA vende a vista. Rua Maria Telles, 16, Olivaldo Cruz — TERCIO JOSE DA SILVA.

GRAFICA TOSTES & LEAL

Trabalhos gráficos em geral. Preços muito baixos. De tudo para todos. Ambiente de primeira ordem. Rua Pedro Ernesto, 50 — São Paulo.

CAFE HARMONIA

Bebidas, ananás e estranhos. De tudo para todos. Ambiente de primeira ordem. Rua Visconde de Mauá, 141. Ipanema. Guita — P. Gen. Osório — OTICA IRIS.

ÓCULOS

O seu óptico vaiá a sua rotação. De tudo para todos. Ambiente de primeira ordem. Rua Visconde de Mauá, 141. Ipanema. Guita — P. Gen. Osório — OTICA IRIS.

LEILOEIRO EUCLIDES

Leiloeiro Público. Prédios, Móveis, Terrenos, etc. — Leilões e leilão de Vendas: Rua da Quitanda, 10 — Tel.: 22-3365.

SITIOS

Por apenas Cr\$ 200,00 por mês. Local montanhoso ou beira-mar. Sem entrada e sem juros, posse imediata.

Tel.: 43-4192 — Falar com o sr. Justino da Luz, das e das. — Condutor gratuito.

TERRENOS EM CAMPO GRANDE

Junto à Rodovia Rio-São Paulo. Lote de 15x50 — 750 m². A partir de Cr\$ 20.000,00. Preparações mensais de Cr\$ 201,10. SEM INTERESSE. Condutor: José da Luz, das e das. Tel.: 43-4192 — Falar com WALTER MARTINS, corretor autorizado.

Dr. Armando Ferreira

Clinica Médica — Especialidades: tuberculose e doenças pulmonares e pneumotorax artificial.

Consultório e residência Travessa Manoel Coelho 206 — Telefone 5763 — (São Gonçalo).



TIC-TAC é o tal!



CONERTOS RÁPIDOS E GARANTIDOS
PRAÇA TIRADENTES, 31

DR. A. CAMPOS

(Cirurgião — Dentista)

Dentaduras anatomicas modernas. Extrações difíceis e operações da boca. Bridges fixos e móveis (Roach), com material garantido, por preços razoáveis.

Rua do Carmo, 9 — 9º Andar — Sala 901, as segundas, quartas e sextas-feiras. Telefone 52-6225.

DESPEDEM-SE BONSUCESSO E CANTO DO RIO

Peleja equilibrada em Teixeira de Castro

Embora suas últimas apresentações não venham correspondendo, tão irregulares têm sido, não deverá encontrar maiores dificuldades para ultrapassar este novo obstáculo. Os companheiros de Ademir: tudo leva a crer, sabendo no transcurso do cotejo, impôr seu melhor futebol no gramado e construir um marcador que represente um único líquido e merecido.

Este é um cotejo que se apresenta mais ou menos equilibrado. Verdade que o Bonsucesso, pelo fato de atuar em casa, se apresentará um pouco mais inclinado para o triunfo. Contudo, as últimas apresentações do Canto do Rio três triunfos consecutivos nos fizer provar um pouco renhido, a menos que todas essas credenciais sejam

apudoradas e tenhamos, entretanto, mais uma surpresa no futebol.

QUADROS

Os quadros provavelmente este joga são os seguintes:

BONSUCESSO: Ari (Pompeia); Bibi; Gonçalo; Décio; Jóque (Italo) e Paulo; Bené; Moreira, Naval, Socá e Nilo.

CANTO DO RIO: Lécio; Garcia e Carlos; Edélio; Moreira e Amróbio; Roberto, Almir, Zequinha, Bené e Jairo.

A peleja principal começará às 16:30 horas. O juiz será o sr. Diego De Leo.

Preparando-se para os seus compromissos no terceiro turno, o Fluminense esteve em ação na manhã de ontem, realizando movimento de treino de conjunto.

Gradim comandou a prática, que foi muito proveitosa, uma vez que os dois quadros empenharam-se

durante a etapa: América 1 x 0 Botafogo.

DOMINIO TOTAL DOS RUBROS

Para a segunda etapa, seria de se esperar reação ainda maior do Botafogo, o que não aconteceu, porém.

O América, sim, retornou a segurança inicial, assegurando-se integralmente das ações. E desde os primeiros instantes da etapa final os rubros conduziram o jogo a seu bel-prazer. Um tanto de Alarcão, recebendo um passe de Leônidas após magistral jogada a vantagem rubro. Consolidou a vantagem dos rubros. Mais descanados, os americanos passaram a fazer exploração, cheios de filigranas e arabescos.

Até que Oswaldo Diniz começou a marcar com certa intensidade, assimilada com certo risco e que Dino, o artilheiro

do Fluminense, fez o gol de empate.

OS POUPADOS

Castilho e Pindaro, contudo, não participaram de

treino devido a desmaio de

10 minutos.

Castilho e Pindaro, contudo,

aceitaram encomendas pelo serviço de Reembolso.

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

Rio de Janeiro

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELA SERVICO DE REEMBOLSO

Av. Gomes Freire, 196 - 7º andar - Sala 701

FOI UM SAQUE, O QUE A POLÍCIA REALIZOU NA FAVELA DO ESQUELETO

VIOLARAM LARES, SAQUEARAM, PRENDERAM ENFERMOS — APREENDERAM FAÇAS DE COZINHA COMO SE FOSSEM ARMAS DE FOGO... — FERVE A CÓLERA DA FAVELA — ALI MORAM FAMÍLIAS, ALI RESIDEM HONRADOS TRABALHADORES



Como os bandos primitivos da Gestapo, os policiais, com o coronel Côrtes à frente, invadiam os barracos, não respeitavam do docentes, mulheres ou crianças

Imprensa POPULAR

Ano VIII ★ Rio de Janeiro, domingo, 23 de janeiro de 1955 ★ N° 1.410

SERÁ EMPOSSADA NO DIA 26 A DIRETORIA DOS BANCÁRIOS

Impedidos, porém, de tomar posse, 7 bancários — Revivido pelo sr. Alencastro Guimarães, num desrespeito à Constituição, o atestado de ideologia — Choque de polícia militar para intimidar os manifestantes

Os bancários cariocas conquistaram ontem uma vitória parcial, resultado da pressão que exerceram sobre o Ministério do Trabalho para posse da diretoria eleita de seu sindicato. Não foi total a vitória porque o sr. Alencastro Guimarães, num desrespeito à liberdade sindical, impugnou a posse de sete suplentes, membros da diretoria.

A posse dos membros efetivos, à frente do presidente eleito, sr. Huberto Pinheiro Meneses, realizar-se-á na Assembleia convocada para a próxima quarta-feira, quando será lançada a campanha para elevação de salários dos bancários.

FRAGILIDADE

Enquanto no 12º andar do Ministério do Trabalho o sr. Cockrat de Sá, diretor do DNT, afirmava, ontem, que os impugnados não tomariam posse porque «professavam ideologias incompatíveis com a ordem democrática», lá em baixo, numa demonstração do tipo de democracia que concebe o atual governo, postava-se um choque da polícia militar para intimidar o grande número de bancários que ali se reuniram para tomar conhecimento da resposta ministerial. Tão revoltante foi o ato legal, que revive, num desrespeito ao Congresso, o atestado fascista de ideologia que mesmo presente no Ministério, o sr. Alencastro Guimarães não se atreveu a aparecer diante dos bancários, mandando que o sr. Cockrat de Sá se explicasse de qualquer jeito.

DESMASCARADOS

O sr. Cockrat de Sá, que anteriormente afirmara considerar ilegal a impugnação, demonstrou mais uma vez sua subserviência ao grupo de 24 de agosto. Assim, em contradição com suas próprias palavras, concluiu num parecer de dez laudas, afirmando que as impugnações baseavam-se em informações fornecidas pelo setor de polícia política e social do Departamento Federal de Segurança Pública.

Percebendo que todos os presentes viam, no ato ministerial, uma ilegalidade, o sr. Cockrat de Sá foi obrigado a se desculpar mais de uma vez, sugerindo, é próprio, que os bancários impunham um mandado de segurança.

REFAGIR OS BANCÁRIOS

O sr. Aluzio Palhano, presidente da junta governativa do sindicato e que teve seu mandato extinto na próxima quarta-feira, apesar de afirmar que a solução dada sobre a posse já foi um grande passo, fez restrições, em nome da Junta, ao ato ministerial. Acresce-

Mantido o Mandado de Despejo Contra 150 Famílias de Lavradores em Xerém

O juiz mudou apenas os termos do despacho, na realidade quer entregar as terras à viúva Mário de Almeida — Nome de fazenda de que nunca se ouviu falar em Xerém — O Juiz quer cassar o registro da Associação dos Lavradores Fluminenses — Resistirão os lavradores

Em reportagem de ontem, contamos que 150 famílias de lavradores estão ameaçadas de despejo no Ramal Xerém, entre os quilômetros 41 e 43, no município de Caxias.

O juiz Ari Pena Fontenele afirmara aos posseiros que não despacharia em favor da grileira, a senhora Carmem Murtinho Almeida, viúva do nababo Mário de Almeida. Mas o juiz falou dos dentes pra fora porque lá nos autos está o seu despacho, concedendo o despejo de 150 famílias para que a viúva Mário Almeida seja a dona única das terras.

OS LAVRADORES SE ORGANIZAM

Os lavradores começam a organizar-se. A Associação dos Lavradores Fluminenses vem lutando, naquela zona, pelos direitos de mais de 700 famílias. Contra o despejo do juiz, fez uma contestação. O processo fôr urdiu pelos interessados na fortuna de Mário de Almeida, que inventaram a escritura e "testemunhas", e o juiz cedeu. A ameaça do despejo permanece. Os lavradores se mobilizaram e foram em massa a Caxias falar com o juiz.

CHEGA A CAXIAS A MASA DOS LAVRADORES

Os caminhões, cheios de famílias, chegaram a Caxias às duas da tarde, enchendo a praça. O juiz viu a massa dirigir-se para o Fórum e escapuliu para a sua residência. Cerca de 150 famílias ficaram concentradas na praça. Foi nomeada uma comissão para procurar o juiz em casa.

O juiz recebeu a comissão e informou que não haveria despejo. Modificara o despacho. Mandara apenas restaurar a administração da

fazenda, colocando os prepostos da viúva como administradores da "Penha" e "Caixão", nomes inventados por eles. Era reconhecer a posse da viúva, era o despejo, o juiz armara outra cláusula.

A FAZENDA-FANTASMA

Os lavradores conheciam a manobra. Já Mário de Almeida, há anos, mandara invadir as terras, a mão armada. Instalara uma "administração", preparando a expulsão dos posseiros. Estes lutaram e, por sentença de três juizes, obtiveram a reintegração da posse. A "administração" foiposta para a grileira, quer anular as sentenças e restaurar a "Penha" e "Caixão", nomes que nunca houve nem nunca os posselhos ouviram falar. É uma fazenda-fantasma.

VISTORIA LOCAL

A comissão voltou para a praça e anunciou as intenções do juiz. A indignação foi geral. Não só podiam consentir no monstruoso esbulho. A Associação dos Lavradores, por intermédio dos advogados, logo fez a contestação. Provou que não existe as fazendas "Penha" e "Caixão". Provou que os posselhos moram há mais de 15 anos nas terras que cultivam. E fez mais: requereu vistoria local para esmagar a falsidade dos prepostos da viúva grileira.

Estes alegavam que os lavradores estavam ali há um ano ou menos. Nada como as próprias lavradoras para provar o tempo de posse dos recorrentes. Um pé de laranja, para frutificar, exige pelo menos três

Ameaça Desabar o Prédio de Copacabana

Mais um prédio de apartamentos ameaça ruir, causando apreensão entre os seus moradores. Trata-se do edifício à Rua Octaviano Hudson, nº 16, em Copacabana, cujas paredes apresentam diversas fendas com inclinações facilmente visíveis.

Os moradores, alarmados, procuraram as autoridades municipais e contrataram um engenheiro particular para examinar o prédio, os quais foram de opinião que não há perigo iminente. Para maior segurança, no entanto, o Diretor do Departamento de Obras da Muni-

VOTARÃO AMANHÃ OS SAPATEIROS



Os sapateiros irão às urnas, amanhã e nos dois dias seguintes, para levar à direção de seu sindicato, novos diretores. Concorrem duas chapas ao pleito e uma delas, a nº 2, encabeçada pelo sr. Plínio Alves, é a que reune maiores possibilidades de ser eleita, pois é a que reune o apoio mais expressivo. Na foto vê-se uma comissão de sapateiros de dezessete fábricas, que esteve em nossa redação, a fim de recomendar aos seus companheiros que votem no candidato Plínio Alves, que se vê no centro, falando ao repórter.

AMBULATÓRIO NO MORRO DO JURAMENTO

O Centro dos Favelados do Morro do Juramento fará inaugurar, amanhã, às 16 horas, em sua sede provisória (Rua Cambuci, em Vicente de Carvalho), um ambulatório médico.

Terá o ato caráter festivo.

A ASSUMIR o poder, o sr. Cafô Filho quis enganar o povo, dizendo que seria um governo dos humildes... Agora estamos vendo, de verdade, que é um governo, precisamente, contra os humildes. Já não bastam a carestia, a miséria, a fome, o desemprego; é preciso assaltar em massa as habitações dos pobres, arrastar centenas de trabalhadores à prisão, mostrar, mais do que nunca, que é um governo de ódio, de rancor contra o povo.

A HORDA ASSALTOU DE MADRUGADA

Foi o que aconteceu agora a favela do Esqueleto. A horda policial assaltou de madrugada. Os assaltantes, de metralhadoras em punho, invadiram casas, tendas, espalharam o terror, revolveram a intimidade dos lares, roubaram, espancaram, atirando quinhentos homens dignos a um lugar, no Regimento de Cavalaria, onde se amansam cavalos.

Nada, porém, como o despojamento das famílias, que constituem a esmagadora maioria da favela do Esqueleto. Dois mil barracos se estendem em ruas e becos, aqui e ali, no pé da armação do hospital que nunca mais foi terminado... Neles, vivem famílias, pessoas honradas, lares constituidos do que há de legítimo em nosso povo. São lavradores que chegam de Minas, Rio, Alagoas e Sergipe, trabalhadores que procuram a construção civil nesta cidade, mestres que são obrigados a abandonar a terra porque a lavoura não dá para sustentar a casa, operários qualificados, feirantes, docêras, domésticas, gente que honradamente trabalha, perto da qual a chamada «élite» da chaminhota e dos palácios não passa de um bando de

exploradores, muito ordinário e irresponsável pelas desgraças de nosso país.

A CÓLERA POPULAR CONTRA A INFAMIA

Visitantes um barraco, de uma só peça, que constitui a sala, o quarto de dormir e a cozinha. A senhora, curvada sobre o fogão, preparava o almoço do marido. Duas senhoras, sentadas na cama, conversavam sobre os acontecimentos de véspera. À porta, meninos espionavam. De frente do barraco, duas gaivotas, no pé das janelas, mostravam os passinhos que pareciam também conscientes do sucedido. Um galo branco, encardido, atravessou a rua, e por toda aquela população sentia-se a cólera que mexurava, praguejava, protestava contra o assalto policial.

Eram cinco e meia da madrugada, disse-nos a senhora do operário metalúrgico, eu estava preparando a marmita para meu marido para de porta em porta, pedindo uma faca.

Depois que levaram os homens e os afiraram ao campo de concentração que foi improvisado no terreno de frente ao estádio do Maracanã, onde os meninos jogam «pelada», os invasores voltaram às casas e iam chalarçar com as mulheres, perguntando se tinham armas, exigindo café, comendo doces, querendo tomar conta da casa. Para os defensores da civilização cristã, ali não havia família, não havia respeito, nem senhoras.

Estravam as casas de metralhadora em punho, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

Nem esperavam que as senhoras se reparassem para abrir a porta, entravam sem respeito, invadindo os quartos. Uma senhora, natural de Minas, contou-nos que uma vizinha só teve tempo de se cobrir como um trapo, diante dos assaltantes.

Pelo menos que jogar em cima do corpo uma folha de uva, meu senhor, uma calma!

Uma senhora de guarda-chuva, natural de Minas, contou-nos que uma vizinha só teve tempo de se cobrir como um trapo, diante dos assaltantes.

— Pelo menos que jogar em cima do corpo uma folha de uva, meu senhor, uma calma!

— Na casa de Rita, entraram as malas, remexeram a roupa suja, pegaram a bica. Ao sair do barraco, um soldado avançou com a metralhadora pronta para queimar o povo.

— Para onde vai?

— Vou buscar água na bica.

A metralhadora acompanhou-a até a bica. A senhora correu a lata na cabeça e o seu lado a metralhadora.

— Enfiam a mão dentro das latas de tinta para ver se tinha revolver escondido.

Depois exigiram sabão e água para lavar as mãos.

— O que a polícia fiz aqui nessa favela foi únicamente desordem.

— E a voz da senhora que nos descreve outra cena: vive na favela um homem de cabeça variada. Ficou assim depois da morte da mulher. Os soldados resolveram levá-lo. As mulheres rogaram que não levassem o louco.

— Qual louco, qual nadafesta macabro, respondiam os assaltantes.

— E assim foi a gloriosa operação militar do sr. Cafô. Apinhavam caixas de joias e levavam, dizendo que era maioncha guardada. A carteira do trabalhador tinha dols mil cruzados e voltou vazia.

— Depois que levaram meu marido, elas voltaram: «onde está as armas?», perguntaram. Eu respondi: «Arma aqui, por ora, só eu. Eles insistiram: «E essas facas?». Eu me enraivei: «Mas estas facas só pra cortar carne. quem levar as facas também?».

A mulher do metalúrgico acrescentou:

— Depois que levaram meu marido, elas voltaram: «onde está as armas?», perguntaram. Eu respondi: «Arma aqui, por ora, só eu. Eles insistiram: «E essas facas?». Eu me enraivei: «Mas estas facas só pra cortar carne. quem levar as facas também?».

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— Nem esperavam que as senhoras se reparassem para abrir a porta, entravam sem respeito, invadindo os quartos.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

— A lavaideira, que lava casas, das metralhadoras em punho, levava a grileira, revolvendo colchões, revirando camas. Até ferro de engomar foi desarmado para saber se dentro não havia revolver escondido.

NÃO PODE
SER VENDIDO
SEPARADAMENTE

COMpra-SE POR UM CRUZEIRO UMA PASSAGEM PARA A MORTE

ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, UM VERDADEIRO SORVEDOURO DE VIDAS — SUPLÍCIO DIÁRIO EM 3 FASES: ESPERA, ENTRADA E VIAGEM NO TREM — CONFESSA A E.F.C.B.: OS ELÉTRICOS VIAJAM COM SOBRECARGA EM DÔBRO — EM CADA 3 TRENS, UM ESTA SEMPRE EM CONSERTO — DE 8 EM 8 DIAS OS TRENS VOLTAM PARA AS OFICINAS — CRESCE A POPULAÇÃO E A CENTRAL SUPRIME 40 MIL VIAGENS NUM ANO — INSUFICIENTE O PROJETO DE «REAPARELHAMENTO» DA COMISSÃO MISTA BRASIL-EE. UU. — NÃO VIRÃO TÃO CEDO OS TRENS ENCOMENDADOS EM MARÇO DE 1954 — O PROBLEMA NÃO É INSOLUVEL; O GOVERNO É QUE NÃO QUER RESOLVE-LO

Reportagem de Boris NICOLAIEWSKY

Uma estatística sangrenta colhe diariamente seus dados no leito da Estrada de Ferro Central do Brasil. Quedas de trem, corpos que se despediram nas grades marginais, choques com centenas de vítimas, esmagamentos nos embarques e desembarques nas plataformas, os fatos vão se repetindo num crescendo impressionante e a E.F.C.B. dia a dia firma seu funesto «nome de verdadeiro sorvedouro de vidas».

VIAGEM PARA A MORTE

Por um cruzeiro quase metade dos habitantes do Distrito Federal compram diariamente um bilhete para a morte. Não há palavras que possam descrever fielmente uma destas viagens, nem sequer o inferno que as an-

tecede, a pura e simples

pregegorjata. D. Pedro II é o melhor exemplo, à noite particularmente. Milhares de pessoas, indiferentes ao aviso, «os trens estão correndo com atraso», ou mesmo «não há trem», se acotovelam numa desesperada disputa por um lugar melhor já não no próprio trem, mas na plataforma, um lugar que pelo menos lhe dê esperanças de embarcar no segundo ou terceiro trem que porventura apareça.

O trem aí na curva de São João. Não se sabe em que plataforma entrará, mas as ondas humanas começam a voltar em todas elas. A esperança é igual e todos se acercam da linha férrea, se comprimem mais ainda. A medida que o trem se aproxima e as chaves de linha abrem e fecham, a revolta percorre mais as plataformas já excluídas e na que foi «premiada», começam a pulsar e cair passageiros na linha, tal a pressão vindia de trás.

GADO PARA O CORTE

O trem chega depois de horas e horas de atraso. Talvez até ao entrar

na plataforma tenha deixado alguém morto no leito. E quando ele freia começa o indescritível espetáculo. Centenas de corpos se atiram contra as portas, as janelas, embrutecidos, uniformes. Ali já não há mulheres, crianças, jovens e velhos. Há sólente séries desesperados, já quase inconscientes, com uma só ideia fixa: entrar no trem. Uns saltam por sobre a grade que separa o trem da plataforma. Outros empurram, bri-

O TEMPO NÃO CORRE

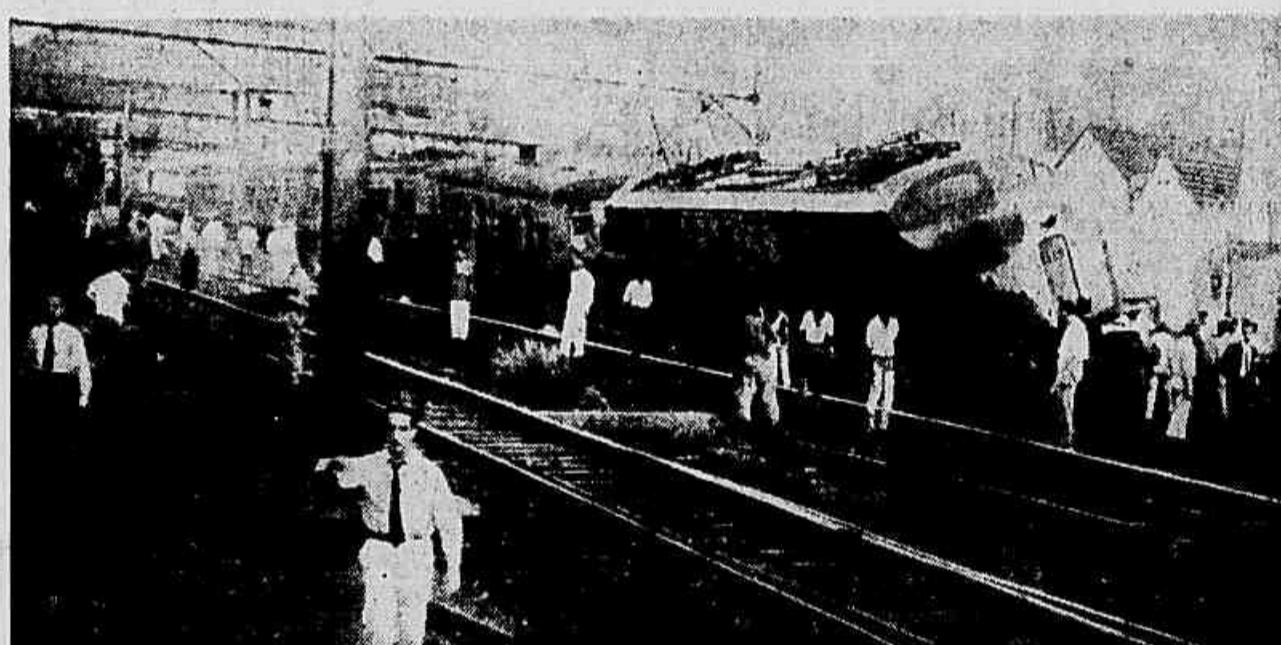
Mas a espera e a entrada no trem são um nada em comparação com a viagem. Centenas de pessoas montam-se aos pés e costas, umas às outras, sem procurar comodidade, sem querer o impossível. Se alguém levanta o braço, só irá abaixá-lo horas depois. Se um pé não conseguiu lugar ao solo, o outro sustentará o corpo cansado durante a viagem. Por vezes, as brigas se suce-

trans suficientes na E. F. C. B.

Deixemos que os números falem, os números fornecidos pela própria direção da Central do Brasil. Os carros elétricos têm uma capacidade normal para 200 e no máximo 220 pessoas. É verdadeiramente inacreditável o número de mortes quebradas. É a ocorrência comum a volta de trens às oficinas de conservação 8 dias após haverem de lá saído para substituir de molas. Em outras palavras: de 8 em 8 dias os

plicava-o o próprio relatório feito pelo Diretor da E. F. C. B. à Comissão Mista Brasil-EE. UU.:

«Os trens trafegam com sobrecarga em dôbro e por isso os motores frequentemente queimam. É verdadeiramente inacreditável o número de mortes quebradas. É a ocorrência comum a volta de trens às oficinas de conservação 8 dias após haverem de lá saído para substituir de molas. Em outras palavras: de 8 em 8 dias os



Desastre na Central é lugar comum. Eles se sucedem quase diariamente, num crescendo impressionante sem que se toquem as medidas necessárias para evitá-los. As linhas são estreitas, os dormentes

dem. E há o calor. E também a angústia geral de uma demora imensa, de um desastre talvez.

Os segundos se transformam em horas; as horas de viagem são anos de vida que se perde. Por vezes, e muitas, há os defeitos no trem ou na rede. Um curto-circuito que o desespere geral transforma em boato de incêndio. E os corpos se atiram pelas janelas, se despediram nos trilhos, nas pedras.

Isso, em tintas escassas, é uma viagem nos trens da Central do Brasil.

A CAUSA DE TUDO

O maior suplício da população carioca é simplesmente a falta de trens. Apenas por isso o povo arrisca a vida, o trabalhador desgasta suas energias mais que em um dia de trabalho, falta ao serviço, chega atrasado, deixa em casa a família na eterna incerteza de sua volta, tudo por essa questão batida e debatida. Não há

A HORA

Diariamente, entre 16 e 20 horas, viajam nos trens da Central, 127.720 pessoas. Desse total, não menos de 97.213 embarcam na Estação de D. Pedro II. Entre 17 e 18 horas, saem de lá 35.540 pessoas, que chegam à "gare" de Pedro II.

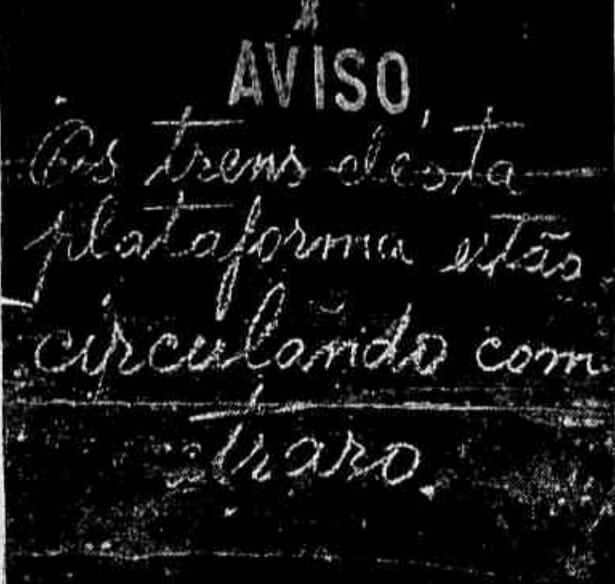
Cada vagão elétrico tem capacidade para 200 pessoas. Para escorrer as 35.540 pessoas que chegam à Pedro II, entre 17 e 18 horas, teriam de sair dessa estação 29 trens de 6 vagões, ou seja, um trem de 2 em 2 minutos.

Atualmente, na hora do "rush", os trens saem de D. Pedro II quase que de meia em meia hora...

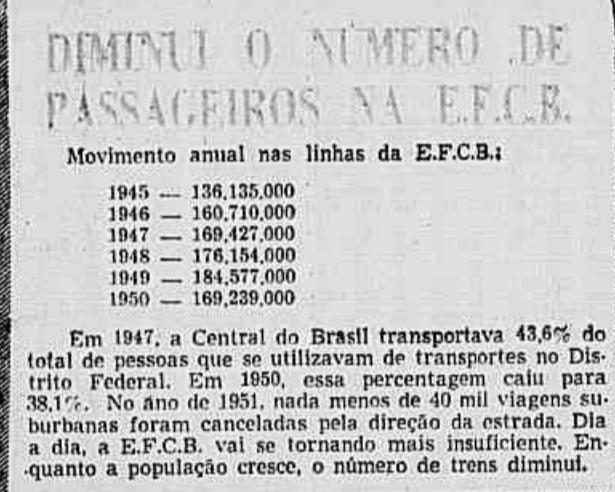
treins da Central vão parar as oficinas com as molas quebradas!

CRESCE A POPULAÇÃO DOS SUBÚRBIOS

Por inacreditável que pareça, ano a ano decrece o movimento de passageiros na E. F. C. B.! Em 1949, não menos de 184.577.000 passageiros utilizaram seus trens. No ano subsequente, o total caiu para 169 milhões. E vem caindo ano a ano cada vez mais. Uma pergunta ficaria no ar: teria diminuído a população nos subúrbios da Central? Não. E' o recentemente quem o diz. De 1940 a 1950, a população do Meier cresceu em ... 71,9%; a de Madureira em 54,7%; de Realengo em 80,5%; de Campo Grande em 62,6%; de Santa Cruz 50,3%. Enquanto isso, no centro da cidade, de 108.933 em 1940, a população caiu para 84.253, em 22,6% portanto. O normal seria então que o movimento de passageiros aumentasse no mesmo período em pelo menos 50%. E



66 meus neste aviso para reavivar suas letras, escritas a giz. Os dizeres nunca mudam



Em 1947, a Central do Brasil transportava 43,6% do total de pessoas que se utilizavam de transportes no Distrito Federal. Em 1950, essa percentagem caiu para 38,1%. No ano de 1951, nada menos de 40 mil viagens suburbanas foram canceladas pela direção da estrada. Dia a dia, a E.F.C.B. vai se tornando mais insuficiente. Enquanto a população cresce, o número de trens diminui.

OS TRENS NECESSARIOS

Quantos trens precisaria a Central do Brasil para transportar normalmente, sem maiores incidentes, a população suburbana? Segundo os trabalhos elaborados pela Comissão Mista Brasil-EE. UU., com dados relativos ao ano de 1950, pelo menos mais 300 novos carros (100 unidades

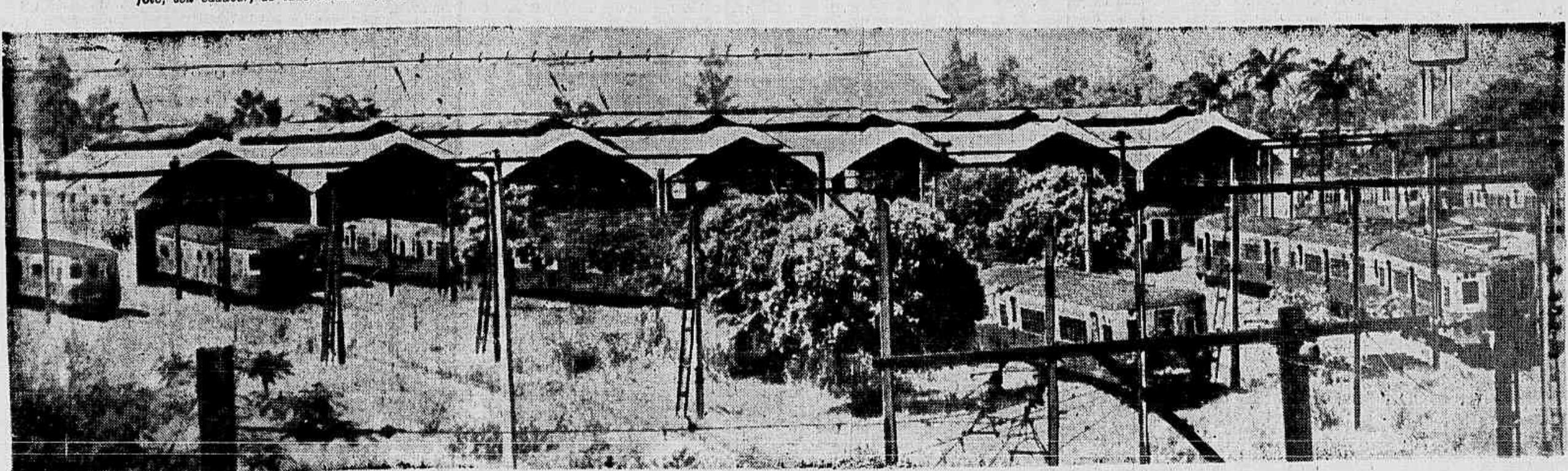
CONCLUI NA 2.º PAG.



O esforço para entrar no trem equivale ao que se dispõe num dia de trabalho, sem sonhos de exagero



Waldyr Cunha de Oliveira, jovem operário de 17 anos, viajava nos trens da Central. Na foto, seu cadáver, ao lado da linha férrea



As oficinas de elétricos da E.F.C.B., localizadas em Deodoro. Todo trem passa por ali de 8 em 8 dias. Há sempre um terço dos trens da Central nas oficinas. E' o que revela o próprio relatório da E.F.C.B. à Comissão Mista Brasil-Estados Unidos

«Portão Fechado»

Dalcídio JURANDIR

O noticiário dos suplementos, tão fácil no registo dos livros, na repetição dos títulos, quase nada falou de "Portão Fechado", da Sra. Maslowa Gomes Venturi. A edição (Ed. Brasiliense) é de 1953. Creio que ninguém aqui no Rio tocou no romance. Em São Paulo, suponho teria saído alguma nota ou um comentário mais sério. O resto não há dúvida, foi silêncio.

Muito injusto tudo isso, porque a autora de "Portão Fechado" merece um destaque entre os melhores tecnicistas aparecidos ultimamente. Apresenta-nos, em seu livro, cenas e quadros com um realismo e um domínio de composição incomparáveis.

O romance situa-se, alternadamente, em 1933, 1935, 1936 e 1937. Os episódios intercalam-se, levando o leitor, ora a 1933, logo a 1935, depois voltando a 33. Essa distribuição de tempo no romance requer, decerto, habilidade e a soube ter a romancista.

Em "Portão Fechado", escritor com muita sensibilidade e experiência, são frequentes a discreção de estílo, a delicadeza feminina ao dosar as situações, o gosto de omitir quando é preciso e de jogar com o ponto de vista de seus personagens sobre os acontecimentos, dando-lhes maior autenticidade.

A Sra. Maslowa Gomes Venturi voltou-se para um tema novo ainda no romance brasileiro — o tema das lutas revolucionárias — por isso mesmo difícil, que exige não apenas um agudo conhecimento da realidade como também suficiente assimilação ideológica. Os romancistas, que se voltam para esse tema, fazem a sua melhor escolha, encontram o melhor caminho do nosso romance, dando-nos a imagem dos episódios e problemas que constituem, na hora presente, o aspecto dinâmico de nossa vida social.

A Sra. Maslowa Gomes Venturi não procurou abarcar no seu livro todo o quadro histórico dos acontecimentos de 1935, época em que situou o romance, destacando os conflitos entre aqueles personagens da pequena burguesia que se incorporaram à luta revolucionária. E para melhor acentuar os sentimentos e ideias próprias desses personagens, a romancista escondeu uma atmosfera de derrota e perplexidade que poderia suceder logo após o movimento de 35, em São Paulo. A é que se desenrola toda a fabulação, embora haja episódios anteriores a 35 necessariamente a dar relevo, ao drama em que mais se detém a romancista. Por isso mesmo, a maior parte do livro cuida dos aspectos negativos desse e daquele personagem, preferindo a romancista pintar os "maus" caracteres que os "bons".

Dos personagens, da classe média atuam como revolucionários. A romancista narra as suas vidas, mostrando-na na luta. Em Salvador, o médico, sentimos formar-se um homem novo, com as resistências ainda de sua origem, e um preâmbulo sentimental, ou de instinto, como prefere a romancista, que esbarra com as idéias novas do personagem no íntimo combate por sua "educação comunista". Em Eduardo, o processo de desagregação e cuidadosamente urdido. O retrato nos parece mais trabalhado, mais expressivo, ao mostrar-nos pouco a pouco, um impostor, um traidor, despertando a nossa vigilância. Poderia observar que a romancista não fugiu à velha inclinação do realismo crítico, me fazendo lembrar a opinião de alguém de que é mais fácil pintar um monstro que um anjo... Isto, porém, não é censura. No caso de "Portão Fechado", o que se exige, na pintura do "fechado" ou do "belo", é o poder de verosimilhança, a força de convencer e isto foi obtido pela romancista.

Bem precisa é a observação, quando a mulher de

Eduardo pensa a respeito do marido: "quanto mais rebatizado, mais sózinho, mais dela". Muller e marido formam um par típico de baixa humana lançado em meio de autênticos lutadores como Eduardo e João.

A romancista enfrenta bem a complexidade dos conflitos, até mesmo se compraz em demorar-se nêles mais do que necessário, algumas vezes, querendo dizer-nos: Aqui estão pessoas com seus atos e pensamentos que não devemos confundir com os atos e sentimentos revolucionários. Aqui estão pessoas que não devem ser ignoradas dentro da luta. Mas também presenta-se a força revolucionária que se depõe sempre eliminando, cedo ou tarde, os elementos vindos por exclusiva aventura, torva ressentimento ou ambição miúda. Nesse sentido, apesar dos tipos negativos que predominam, "Portão Fechado", sendo um autêntico valer literário, é uma lição positiva.

Dante de Salvador, Marcella, por exemplo, pensa assim: "A retidão de sensatos torna mais mesquinha a deslealdade e mais sordida a covardia". Salvador sobrepuja-se, pois, "sua atividade toda se desenvolveu, porque dentro dela era insgotada a fonte da generosidade".

As figuras femininas movem-se com espontaneidade e calor. Vemos o amor

que leva Ana

Marcela ao suicídio, a estreiteza patética, odiosa, de

Marcela, o primitivismo de

que se voltam para esse tema, fazem a sua melhor escolha, encontram o melhor caminho do nosso romance, dando-nos a imagem dos episódios e problemas que constituem, na hora presente, o aspecto dinâmico de nossa vida social.

A Sra. Maslowa Gomes

Venturi não procurou abarcar no seu livro todo o quadro histórico dos acontecimentos de 1935, época em que situou o romance, destacando os conflitos entre aqueles personagens da pequena burguesia que se incorporaram à luta revolucionária. E para melhor acentuar os sentimentos e ideias próprias desses personagens, a romancista escondeu uma atmosfera de derrota e perplexidade que poderia suceder logo após o movimento de 35, em São Paulo. A é que se desenrola toda a fabulação, embora haja episódios anteriores a 35 necessariamente a dar relevo, ao drama em que mais se detém a romancista. Por isso mesmo, a maior parte do livro cuida dos aspectos negativos desse e daquele personagem, preferindo a romancista pintar os "maus" caracteres que os "bons".

Dos personagens, da classe

média atuam como revolucionários. A romancista narra as suas vidas, mostrando-na na luta. Em Salvador, o médico, sentimos formar-se um homem novo, com as resistências ainda de sua origem, e um preâmbulo sentimental, ou de instinto, como prefere a romancista, que esbarra com as idéias novas do personagem no íntimo combate por sua "educação comunista". Em Eduardo, o processo de desagregação e cuidadosamente urdido. O retrato nos parece mais trabalhado, mais expressivo, ao mostrar-nos pouco a pouco, um impostor, um traidor, despertando a nossa vigilância. Poderia observar que a romancista não fugiu à velha inclinação do realismo crítico, me fazendo lembrar a opinião de alguém de que é mais fácil pintar um monstro que um anjo... Isto, porém, não é censura. No caso de "Portão Fechado", o que se exige, na pintura do "fechado" ou do "belo", é o poder de verosimilhança, a força de convencer e isto foi obtido pela romancista.

Bem precisa é a observação, quando a mulher de

Eduardo pensa a respeito do marido: "quanto mais rebatizado, mais sózinho, mais dela". Muller e marido formam um par típico de baixa humana lançado em meio de autênticos lutadores como Eduardo e João.

A romancista enfrenta bem a complexidade dos conflitos, até mesmo se compraz em demorar-se nêles mais do que necessário, algumas vezes, querendo dizer-nos: Aqui estão pessoas com seus atos e pensamentos que não devemos confundir com os atos e sentimentos revolucionários. Aqui estão pessoas que não devem ser ignoradas dentro da luta. Mas também presenta-se a força revolucionária que se depõe sempre eliminando, cedo ou tarde, os elementos vindos por exclusiva aventura, torva ressentimento ou ambição miúda. Nesse sentido, apesar dos tipos negativos que predominam, "Portão Fechado", sendo um autêntico valer literário, é uma lição positiva.

Por efeito da técnica que utiliza poderia a romancista, algumas vezes, parecer impessoal, quase neutra dentro da narrativa. Mas isto só é, repito, a conta de seu processo de narrar, alias muito bom. Em todo o livro, sente-se de que o lado está a romancista. Mostra-nos os inimigos que procuraram atingir a revolução em seu próprio solo, indicando-nos em Salvador o exemplo do homem que atravessa crises, entredois em contradições mas avança. A cena final, quando Salvador, saindo da prisão, encontra o velho operário numa rua de São Paulo, tem um vigoroso acento de emoção e verdadeira em que a romancista abre o seu coração.

As figuras femininas movem-se com espontaneidade e calor. Vemos o amor

que leva Ana

Marcela ao suicídio, a estreiteza patética, odiosa, de

Marcela, o primitivismo de

que se voltam para esse tema, fazem a sua melhor escolha, encontram o melhor caminho do nosso romance, dando-nos a imagem dos episódios e problemas que constituem, na hora presente, o aspecto dinâmico de nossa vida social.

A Sra. Maslowa Gomes

Venturi não procurou abarcar no seu livro todo o quadro histórico dos acontecimentos de 1935, época em que situou o romance, destacando os conflitos entre aqueles personagens da pequena burguesia que se incorporaram à luta revolucionária. E para melhor acentuar os sentimentos e ideias próprias desses personagens, a romancista escondeu uma atmosfera de derrota e perplexidade que poderia suceder logo após o movimento de 35, em São Paulo. A é que se desenrola toda a fabulação, embora haja episódios anteriores a 35 necessariamente a dar relevo, ao drama em que mais se detém a romancista. Por isso mesmo, a maior parte do livro cuida dos aspectos negativos desse e daquele personagem, preferindo a romancista pintar os "maus" caracteres que os "bons".

Dos personagens, da classe

média atuam como revolucionários. A romancista narra as suas vidas, mostrando-na na luta. Em Salvador, o médico, sentimos formar-se um homem novo, com as resistências ainda de sua origem, e um preâmbulo sentimental, ou de instinto, como prefere a romancista, que esbarra com as idéias novas do personagem no íntimo combate por sua "educação comunista". Em Eduardo, o processo de desagregação e cuidadosamente urdido. O retrato nos parece mais trabalhado, mais expressivo, ao mostrar-nos pouco a pouco, um impostor, um traidor, despertando a nossa vigilância. Poderia observar que a romancista não fugiu à velha inclinação do realismo crítico, me fazendo lembrar a opinião de alguém de que é mais fácil pintar um monstro que um anjo... Isto, porém, não é censura. No caso de "Portão Fechado", o que se exige, na pintura do "fechado" ou do "belo", é o poder de verosimilhança, a força de convencer e isto foi obtido pela romancista.

Bem precisa é a observação,

que leva Ana

Marcela ao suicídio, a estreiteza patética, odiosa, de

Marcela, o primitivismo de

que se voltam para esse tema, fazem a sua melhor escolha, encontram o melhor caminho do nosso romance, dando-nos a imagem dos episódios e problemas que constituem, na hora presente, o aspecto dinâmico de nossa vida social.

A Sra. Maslowa Gomes

Venturi não procurou abarcar no seu livro todo o quadro histórico dos acontecimentos de 1935, época em que situou o romance, destacando os conflitos entre aqueles personagens da pequena burguesia que se incorporaram à luta revolucionária. E para melhor acentuar os sentimentos e ideias próprias desses personagens, a romancista escondeu uma atmosfera de derrota e perplexidade que poderia suceder logo após o movimento de 35, em São Paulo. A é que se desenrola toda a fabulação, embora haja episódios anteriores a 35 necessariamente a dar relevo, ao drama em que mais se detém a romancista. Por isso mesmo, a maior parte do livro cuida dos aspectos negativos desse e daquele personagem, preferindo a romancista pintar os "maus" caracteres que os "bons".

Dos personagens, da classe

média atuam como revolucionários. A romancista narra as suas vidas, mostrando-na na luta. Em Salvador, o médico, sentimos formar-se um homem novo, com as resistências ainda de sua origem, e um preâmbulo sentimental, ou de instinto, como prefere a romancista, que esbarra com as idéias novas do personagem no íntimo combate por sua "educação comunista". Em Eduardo, o processo de desagregação e cuidadosamente urdido. O retrato nos parece mais trabalhado, mais expressivo, ao mostrar-nos pouco a pouco, um impostor, um traidor, despertando a nossa vigilância. Poderia observar que a romancista não fugiu à velha inclinação do realismo crítico, me fazendo lembrar a opinião de alguém de que é mais fácil pintar um monstro que um anjo... Isto, porém, não é censura. No caso de "Portão Fechado", o que se exige, na pintura do "fechado" ou do "belo", é o poder de verosimilhança, a força de convencer e isto foi obtido pela romancista.

Bem precisa é a observação,

que leva Ana

Marcela ao suicídio, a estreiteza patética, odiosa, de

Marcela, o primitivismo de

que se voltam para esse tema, fazem a sua melhor escolha, encontram o melhor caminho do nosso romance, dando-nos a imagem dos episódios e problemas que constituem, na hora presente, o aspecto dinâmico de nossa vida social.

A Sra. Maslowa Gomes

Venturi não procurou abarcar no seu livro todo o quadro histórico dos acontecimentos de 1935, época em que situou o romance, destacando os conflitos entre aqueles personagens da pequena burguesia que se incorporaram à luta revolucionária. E para melhor acentuar os sentimentos e ideias próprias desses personagens, a romancista escondeu uma atmosfera de derrota e perplexidade que poderia suceder logo após o movimento de 35, em São Paulo. A é que se desenrola toda a fabulação, embora haja episódios anteriores a 35 necessariamente a dar relevo, ao drama em que mais se detém a romancista. Por isso mesmo, a maior parte do livro cuida dos aspectos negativos desse e daquele personagem, preferindo a romancista pintar os "maus" caracteres que os "bons".

Dos personagens, da classe

média atuam como revolucionários. A romancista narra as suas vidas, mostrando-na na luta. Em Salvador, o médico, sentimos formar-se um homem novo, com as resistências ainda de sua origem, e um preâmbulo sentimental, ou de instinto, como prefere a romancista, que esbarra com as idéias novas do personagem no íntimo combate por sua "educação comunista". Em Eduardo, o processo de desagregação e cuidadosamente urdido. O retrato nos parece mais trabalhado, mais expressivo, ao mostrar-nos pouco a pouco, um impostor, um traidor, despertando a nossa vigilância. Poderia observar que a romancista não fugiu à velha inclinação do realismo crítico, me fazendo lembrar a opinião de alguém de que é mais fácil pintar um monstro que um anjo... Isto, porém, não é censura. No caso de "Portão Fechado", o que se exige, na pintura do "fechado" ou do "belo", é o poder de verosimilhança, a força de convencer e isto foi obtido pela romancista.

Bem precisa é a observação,

que leva Ana

Marcela ao suicídio, a estreiteza patética, odiosa, de

Marcela, o primitivismo de

que se voltam para esse tema, fazem a sua melhor escolha, encontram o melhor caminho do nosso romance, dando-nos a imagem dos episódios e problemas que constituem, na hora presente, o aspecto dinâmico de nossa vida social.

A Sra. Maslowa Gomes

Venturi não procurou abarcar no seu livro todo o quadro histórico dos acontecimentos de 1935, época em que situou o romance, destacando os conflitos entre aqueles personagens da pequena burguesia que se incorporaram à luta revolucionária. E para melhor acentuar os sentimentos e ideias próprias desses personagens, a romancista escondeu uma atmosfera de derrota e perplexidade que poderia suceder logo após o movimento de 35, em São Paulo. A é que se desenrola toda a fabulação, embora haja episódios anteriores a 35 necessariamente a dar relevo, ao drama em que mais se detém a romancista. Por isso mesmo, a maior parte do livro cuida dos aspectos negativos desse e daquele personagem, preferindo a romancista pintar os "maus" caracteres que os "bons".

Dos personagens, da classe

média atuam como revolucionários. A romancista narra as suas vidas, mostrando-na na luta. Em Salvador, o médico, sentimos formar-se um homem novo, com as resistências ainda de sua origem, e um preâmbulo sentimental, ou de instinto, como prefere a romancista, que esbarra com as idéias novas do personagem no íntimo combate por sua "educação comunista". Em Eduardo, o processo de desagregação e cuidadosamente urdido. O retrato nos parece mais trabalhado, mais expressivo, ao mostrar-nos pouco a pouco, um impostor, um traidor, despertando a nossa vigilância. Poderia observar que a romancista não fugiu à velha inclinação do realismo crítico, me fazendo lembrar a opinião de alguém de que é mais fácil pintar um monstro que um anjo... Isto, porém, não é censura. No caso de "Portão Fechado", o que se exige, na pintura do "fechado" ou do "belo", é o poder de verosimilhança, a força de convencer e isto foi obtido pela romancista.

Bem precisa é a observação,

que leva Ana

Marcela ao suicídio, a estreiteza patética, odiosa, de

Marcela, o primitivismo de

que se voltam para esse tema, fazem a sua melhor escolha, encontram o melhor caminho do nosso romance, dando-nos a imagem dos episódios e problemas que constituem, na hora presente, o aspecto dinâmico de nossa vida social.

A Sra. Maslowa Gomes

Venturi não procurou abarcar no seu livro todo o quadro histórico dos acontecimentos de 1935, época em que situou o romance, destacando os conflitos entre aqueles personagens da pequena burguesia que se incorporaram à luta revolucionária. E para melhor acentuar os sentimentos e ideias próprias desses personagens, a romancista escondeu uma atmosfera de derrota e perplexidade que poderia suceder logo após o movimento de 35, em São Paulo. A é que se desenrola toda a fabulação, embora haja episódios anteriores a 35 necessariamente a dar relevo, ao drama em que mais se detém a romancista. Por isso mesmo, a maior parte do livro cuida dos aspectos negativos desse e daquele personagem, preferindo a romancista pintar os "maus" caracteres que os "bons".

Dos personagens, da classe

média atuam como revolucionários. A romancista narra as suas vidas, mostrando-na na luta. Em Salvador, o médico, sentimos formar-se um homem novo, com as resistências ainda de sua origem, e um preâmbulo sentimental, ou de instinto, como prefere a romancista, que esbarra com as idéias novas do personagem no íntimo combate por sua "educação comunista". Em Eduardo, o processo de desagregação e cuidadosamente urdido. O retrato nos parece mais trabalhado, mais expressivo, ao mostrar-nos pouco a pouco, um impostor, um traidor, despertando a nossa vigilância. Poderia observar que a romancista não fugiu à velha inclinação do realismo crítico, me fazendo lembrar a opinião de alguém de que é mais fácil pintar um monstro que um anjo... Isto, porém, não é censura. No caso de "Portão Fechado", o que se exige, na pintura do "fechado" ou do "belo",

«NÃO PODEMOS ESQUECER QUE PARTICIPAMOS DE UM EMPREENDIMENTO IMENSO, DE IMPORTÂNCIA UNIVERSAL»

CRÍTICA E AUTOCRÍTICA: O QUE ÉLES DISSEERAM

MIKHAIL CHOLOKOV

Considerado por muitos como o maior romancista soviético, autor de «O Dom Silencioso» (Edições «O Cruzeiro») e «Terra e Sangue» (Editorial Flama, São Paulo), ambos esgotados.

«As realizações da literatura soviética multinacional durante estas duas décadas são grandes, sem a menor dúvida.

devotado servidor e seus semelhantes. (Risos e aplausos).

... «Do lado de lá da fronteira, nossos amigos, irados, dizem que nos, os escritores soviéticos, escrevemos segundo as diretrizes do Partido. Na realidade, o caso é algo diferente: cada um de nós escreve segundo as diretrizes de seu coração. Quanto aos nossos corações, eles pertencem na verdade ao nosso Partido e ao nosso povo, a serviço dos quais colocamos a nossa arte. (Prolongados aplausos).

ALEXANDRE FADEEV

O grande escritor soviético é de há muito conhecido dos leitores brasileiros. Em 1932 uma editora paulista lançou a sua célebre novela «A Derrota», um dos marcos da literatura soviética. Os intelectuais brasileiros e o público leitor, que dominam o francês e o espanhol, consumiram todos os exemplares chegados ao nosso país de «A Jovem Guarda». Fadéev foi, até adotar um dos dirigentes das atividades da União dos Escritores Soviéticos.

... «Ao examinar as razões que impedem um desenvolvimento mais rápido e mais completo de nossa literatura,



será lançado no Brasil ainda este ano na coleção «Romances do Povo» pela Editorial Vitoria Ltda.

... «As pessoas nervosas podem perguntar a si mesmas: «Não seria melhor que nós, os escritores soviéticos, renunciássemos à crítica de nossa própria literatura, por que fazê-lo seria levar água ao moinho dos nossos adversários?»

(Em russo, em vez de «levar água» diz-se «vender pão barato». N. T.).

Fedin acrescenta que não se deve renunciar à crítica porque a autocrítica é um dos traços específicos da própria sociedade soviética; e também porque, caso contrário, os adversários triunfarão.

... «Não Iuriamos nos nossos adversários o seu gosto: não criticariam a literatura soviética colocando-nos no campo dos nossos adversários.

ILIA EHRENBURG

Ehrenburg é um autor de há muito querido pelo público brasileiro. Vários dos livros do grande escritor foram traduzidos ao português, entre eles «O Segundo Dia da Criação», «O Bicho de Moscou», «A Queda de Paris», e agora «A Tempestade», o mais recente lançamento da coleção «Romances do Povo» e o maior êxito editorial do momento.

Seu último livro, «O Degelo», suscitou vivas polêmicas. Ehrenburg respondeu às críticas que lhe foram dirigidas. Reconhece que «O Degelo» representa «um passo atrás» em sua criação literária. Considera a crítica de «sinceras», que deu igualmente lugar a vivos debates no Congresso, e o insuficiente.

... «A assimilação crítica das riquezas formais da literatura clássica facilita o enriquecimento e a diversidade de formas do realismo socialista» (Aplausos).

KONSTANTIN FEDIN

Em 1917 K. Fedin era já um escritor conhecido do público. Suas obras sobre o período revolucionário são das melhores produzidas nessa fase. «Primeras Alegrias» e «Um Verão Extraordinário», seus romances mais recentes, confirmaram seu imenso prestígio junto ao público soviético e de vários outros países. «Primeras Alegrias»



cos, com sua vida interior profunda e complexa...

... «Uma literatura que se desenvolve e se fortalece não tem o que tem de uma representação verídica. Em nossa literatura a veracidade não se separa do espírito de partido, mas, pelo contrário, está intimamente ligada a ele. Sabemos que a grande arte sempre foi partidária, isto é, apaixonada... Descrevendo o mundo interior do homem, o escritor o transforma... O escritor não é um observador da vida: é a vida...»

KONSTANTIN SIMONOV

«Dias e Noites», «Companheiros de Armas», contando apenas 40 anos, tornou-se famoso por seus poemas, canções e narrativas da guerra. Dirigiu, durante muito tempo, a «Gazeta Literária». Recebeu muitas críticas no Congresso devido aquela direção, assim como aos seus livros e ao tom de sua poesia com Ehrenburg. Apresentou o informe coletivo sobre os problemas do desenvolvimento da prosa.

No Brasil, Simonov é bastante conhecido. Seu extraordinário romance «Dias e Noites» esgotou-se rapidamente, obtendo enorme sucesso de público e de crítica. Um dos poemas

de K. Simonov, «Esperança», tornou-se popularíssimo entre os combatentes de nossa F.E.B.

... «O escritor soviético, ao criar sua obra à base do realismo socialista, observa tudo que há no ser humano mas amea o que o impulsiona para o futuro. Não fecha os olhos ao que é balvo mas considera o que é elevado como natural ao homem. Compreende as fraquezas do ser humano mas quer educar nela o que é mais forte.»

A seguir K. Simonov critica, ao mesmo tempo, a teoria da «causinha de conflito», e o «objetivismo», concluindo:

... «Mas os indivíduos entre nós não são crianças e a literatura não é uma ama que somente lava seus pímpolhos pelos



caminhos macios, pavimentados de areia e previamente traçados. O método de educação soviética não consiste em ninar mas em temperar...»

... «Nós, escritores soviéticos, participamos de um empreendimento imenso, de um empreendimento de importância universal. Não temos o direito de nos esquecermos disso por um instante que seja.»

res que, após um ou vários livros de valor não mais fazem progressos e que por conseguinte, regrediram em relação ao produzido por eles próprios... Quantas vezes, na França, não nos fazemos esta pergunta em relação a tal ou qual «jovem que promete» e não se realizou?

Mas, entre nós, o critico pode simplesmente constatar o fato, deplorá-lo e... nada mais. Na União Soviética pode-se buscar as causas dos remédios, pode-se ajudar os frutos a passarem da promessa das flores.

A responsabilidade do escritor vem do seu próprio título de «engenheiro de almas». Ele deve então demonstrar as engrenagens das consciências, criar as personagens; mas é influenciado sobre a consciência dos leitores. Cada livro, não esquecemos, é publicado em dezenas de milhares de exemplares e atinge facilmente centenas de milhares de cópias, e para o leitor soviético o livro não é sómente uma distração mas também uma explicação do mundo.

A palavra justa é personalidade. Responsabilidade do critico para o criador que ele deve ajudar, o escritor para com o público que ele, igualmente, deve ajudar. Pela escritor soviético é um educador. Que significa este desejo de exercer uma influência tanto quanto expresso pelos escritores burgueses ou, mais precisamente, esta mágoa de não exercer influência alguma? Ninguém escreveria se imaginasse que sua prosa ou seu poema deixava indiferente a consciência de seu leitor. Na União Soviética esta responsabilidade do criador de cultura é plenamente reconhecida e encorajada. Por esta razão Fedin podia dizer, no Congresso, que poucas mortas que digam ou lermos da União Soviética em torno das críticas severas trazidas à tribuna do Congresso: a tarefa do escritor é importante demais para que deixe de procurar soluções para todas as dificuldades da criação, os meios de suprir as suas dificuldades. E no Congresso

essa pesquisa se fazia em comum, sob as próprias vidas dasqueles que dirigem o país.

A colera de Cholokov contra a mediocridade da produção média — qual dos amigos da literatura francesa não sentiu diante do lançamento de livros não só bem nocivos? Mas aqui na França estamos desarmados e sómente nos resta lamentar e dizer que o lamentamos... Cada escritor está isolado, sózinho se, por esforço próprio e através de uma escolha que não é fácil, não se integra na comunidade de vanguarda de seu povo.

A LITERATURA, PARTE INTEGRANTE DO EDIFÍCIO SOCIAL

Além de acima dos detalhes e facetas, o Congresso jamais perdeu de vista o essencial: o fato de que uma literatura não é apenas o reflexo de uma sociedade, mas, igualmente, parte integrante construtiva do edifício social e que quando um povo não renega suas tradições, ela, a literatura, não deve renegar o patrimônio que a alimenta.

Atualmente a literatura soviética é bastante sólida, bastante coerente, para revisar os valores dos quais é herdeira e para ver que nelas se reencontram e para elas confiam múltiplas correntes. Assim é que, em intervenção realmente extraordinária, completa, sincera, comedida, colocando em seu justo lugar os excessos dos «enfants terribles», alertando contra a falta de objetividade na crítica. Alexandre Fadéev reconheceu ter ele próprio, em sua juventude, uma visão estrelada demais sobre seus antepassados. E mostrou que não só as correntes realistas da literatura mundial mas também o romantismo contam no patrimônio do humanismo soviético, que não cessa de ampliar-se e aprofundar-se.

Assim é que a bela intervenção de Ilya Ehrenburg chamou igualmente a um continuado aprofundamento da verdade, a uma pintura cada vez mais profunda da multiplicidade da variedade da complexidade da vida interior dos cidadãos de seu país.

Assim é que Tikhonov ligou a literatura soviética às grandes correntes progressistas que atravessam a literatura mundial. E o faz num informe que merecia ser resumido em algumas palavras de aprovação mas carinhosamente estudado por todos que se interessam pela marcha da história da literatura.

A LITERATURA FRANCESA

Analisando as correntes progressistas da literatura francesa, Tikhonov, ao citar certo número de escritores comunistas, examinou igualmente as obras de Robert Merle («La Mort est mon Maitre») e de Pierre Gascard. O orador insistiu particularmente sobre duas obras de comunistas que, realmente, marcaram a literatura progressista francesa dos últimos anos: «Os Comunistas», de Aragon e «O Primeiro Choque», de André Stil.

A propósito de «Os Comunistas», Tikhonov especifica: «Não abarca apenas a vida de país durante certo período, não se contentam com a pintura de um atresco histórico... Mas, pela primeira vez (esta obra) põe em evidência as forças vivas que, defendendo a hora de seu povo, se colocaram à frente da Resistência nacional como representantes do povo do qual surgiram e amadas pelo povo pois que encarnavam o glorioso Partido Comunista Francês.»

A respeito de «O Primeiro Choque» diz Tikhonov: «Louis Aragon chama de um realismo da alma: a maneira de escrever de André Stil. Talvez aí esteja a chave desta tensão que Stil pinta com tanto talento nas cenas complexas e de tons fortes que nos oferece não apenas o significado político do fato mas também a vida interior dos que dele participam, dando-nos assim a plenitude do que é vivido.»

Este II Congresso dos Escritores Soviéticos mostrou-nos que uma literatura em pleno desenvolvimento procura (e com frequência já o encontrou) os meios da expressão que justificam o lugar designado ao escritor. Na União Soviética esta responsabilidade do criador de cultura é plenamente reconhecida e encorajada. Por esta razão Fedin podia dizer, no Congresso, que poucas mortas que digam ou lermos da União Soviética em torno das críticas severas trazidas à tribuna do Congresso: a tarefa do escritor é importante demais para que deixe de procurar soluções para todas as dificuldades da criação, os meios de suprir as suas dificuldades. E no Congresso

Os escritores soviéticos declararam sem vergonha que estão realmente a serviço da sociedade que contribuem para edificá-la e, por conseguinte, que sua ligação com o Partido, que é o elemento dirigente desta sociedade, é um laço vivo, dinâmico.

Dominique DESANTI

COMO FUNCIONA A USINA ATÔMICA...

(CONCLUSÃO DA 4ª PAG.)

reatores levam o nome de reatores de multiplicação ou de reatores de reprodução amplificada de combustível nuclear. O interessante deste processo é que os reatores de multiplicação podem produzir mais combustível do que consomem. Os cálculos demonstram que uma central de 1 milhão de quilowatts pode produzir por dia uns três quilogramas de plutônio, que pela energia que contém equivalem a 22 mil toneladas de carvão da bacia de Moscou. Como é natural, quanto melhor se conservem os neutrons durante a desagregação dos núcleos de urânio, tanto mais alta será a eficiência da multiplicação. Com a construção do necessário número de centrais atômicas com reatores de multiplicação, dentro de 30 ou 40 anos a humanidade poderá obter integralmente o combustível que necessita para satisfazer todas as suas necessidades.

Toda a discussão e o exame das obras, as críticas formuladas, e sobretudo o panorama de conjunto ali traçado, giram em torno desse critério que sempre foi e que será sempre o centro, o eixo, a chave de toda literatura forte, isto é, humana e capaz de atingir as profundas camadas de pessoas: a verdade.

Vários congressistas (entre eles Ehrenburg) criticaram muitos romances por

pequeno que quillowatt-hora. E' que ainda são grandes os gastos iniciais de construção das centrais atômicas.

Já em funcionamento uma grande central elétrica atômica

As centrais à base de energia atômica apareceram há pouco tempo. A técnica oferece amplas perspectivas para o trabalho dos pesquisadores, engenheiros, inventores. A utilização das reservas de energia atômica

permitirá tornar realidade a aspiração de se conseguir grandes fontes de energia com muito volume.

Os homens de ciência soviéticos trabalham proativamente nos problemas da utilização da energia atômica com fins pacíficos. A primeira central elétrica industrial, a base de energia atômica, de 5.000 quilowatts, foi construída na URSS. Em 27 de junho de 1954 começou a funcionar, utilizando a energia atômica e proporcionando eletricidade para a indústria e a agricultura das zonas vizinhas. Os homens de ciência e engenheiros soviéticos continuam trabalhando para erigir centrais elétricas atômicas de 50.000 a 100.000 quilowatts. Não há dúvida de que os próximos anos trarão novos êxitos e vitórias neste terreno. Essa grande realização do cérebro humano e essa poderosa força da natureza serão utilizadas com fins pacíficos, para o bem dos povos.

I. R. C. I. L.

INSTALADORA DE REFRIGERAÇÃO
COMERCIAL E INDUSTRIAL LTDA.

Geladeiras comerciais, batidas frigoríficas, instalações centrais para água gelada. Atendendo reforma e instalações de cozinha a vapor. Projeto e execução, instalações comerciais garantidas, com direito a conservação. Consulte-nos sem compromisso! Rua Frei Caneca nº 241 — Telefone: 32-3132 (provisorio) CHAMAR SR. SILVA

A LEI ECONÔMICA FUNDAMENTAL DO CAPITALISMO MONOPOLISTA

N. da R. — Transcrevemos do jornal "Notícias de Hoje", de São Paulo, o seguinte trecho extraído do "Manual de Economia Política", que foi recentemente editado na União Soviética:

COMO sabemos, a essência econômica do imperialismo consiste na substituição da livre concorrência pelo poder dos monopólios. Os monopólios, estabelecendo os preços monopolistas, têm por objetivo, na definição de Lênin, obter um lucro monopolisticamente elevado que ultrapassa sensivelmente o lucro médio. A obtenção de um lucro monopolisticamente elevado pelos monopólios decorre da própria essência do imperialismo e é garantida por um inaudito fortalecimento da exploração da classe operária pelos monopólios, pelo saque nos camponeses e outros pequenos produtores; pela exportação de capitais para os países atrasados, sugando-se assim toda a selva vital destes países; pelas conquistas coloniais; pelas guerras imperialistas que constituem minas de ouro para os monopólios. Nos trabalhos de Lênin, dedicados à descoberta da essência econômica e política do imperialismo, são apresentados os pontos de partida para o estabelecimento da lei fundamental do capitalismo contemporâneo. Apoiando-se nestas premissas de Lênin, Stálin formulou a lei econômica fundamental do capitalismo contemporâneo.

Os principais traços e exigências da lei econômica fundamental do capitalismo monopolista, consistem no seguinte: «garantir o lucro máximo capitalista por meio da exploração, ruina e pauperização da maioria da população de um dado país, por meio da escravidão e sistemática pilhagem dos povos de outros países, particularmente dos países atrasados; e, finalmente por meio das guerras e da militarização da economia nacional, utilizadas para garantir os lucros mais elevados». (J. V. Stálin — «Problemas Económicos do Socialismo na U.R.S.S.»).

Desta forma, a lei econômica fundamental do capitalismo — lei da mais-valia — no período imperialista, recebe um novo desenvolvimento e concretização. Se no capitalismo pré-monopolista, o domínio da livre concorrência levava à uniformização da taxa de lucro de diferentes capitalistas, nas condições do imperialismo, os monopólios se garantem um lucro monopolisticamente elevado, o lucro máximo. E é exatamente o lucro máximo que constitui o móvel do capitalismo monopolista.

As condições objetivas para aquisição de lucros máximos são criadas pelo estabelecimento do domínio dos monopólios em determinados ramos da produção. No estádio imperialista, a concentração e a centralização do capital alcançam o seu grau mais elevado.

Em consequência disto a ampliação da produção exige enormes inversões de capital. Por outro lado, no período do capitalismo monopolista desenvolve-se uma feroz concorrência entre empresas gigantescas. Esta batalha é vencida pelos monopólios mais fortes, que dispõem de maiores capitais e recebem lucros máximos.

Com os lucros máximos, os monopólios têm a possibilidade de realizar a reprodução ampliada e garantir o seu domínio no mundo capitalista. A corrida monopolista em busca do lucro máximo leva ao extremo o aguçamento de todas as contradições do capitalismo.

A base do lucro máximo dos monopólios capitalistas, como de todo lucro capitalista, é constituída pela mais-valia, extraída dos operários por meio da sua exploração no processo da produção. A exploração da classe operária é levada pelos monopólios ao seu ponto mais alto. Através da aplicação de diferentes sistemas extorsivos de organização e remuneração do trabalho realiza-se uma contínua e exaustiva intensificação do trabalho que significa, antes de mais nada, o enorme aumento da taxa da massa geral de mais-valia.

la extraída dos operários. A intensificação do trabalho conduz a que a maioria dos operários se torne desnecessária, indo engrossar as fileiras do exército dos sem-trabalho, privados de qualquer esperança de voltarem ao processo da produção. São também expulsos das empresas todos os operários que se revelem incapazes de realizar a aceleração excessiva dos processos de produção.

Nos Estados Unidos a taxa de mais-valia na indústria de minas e na indústria manufatureira, calculada na base dos dados oficiais, constitui em 1889 - 145%, em 1919 - 165%, em 1929 - 210%, em 1939 - 220%. Desta forma, em 40 anos a taxa de mais-valia aumentou em uma e meia vezes.

Ao mesmo tempo o salário real baixa, em consequência do aumento do custo da vida. O aumento dos preços dos artigos de consumo, o peso cada vez maior dos impostos e a inflação diminuem ainda mais o salário real do operário. Na época do imperialismo, aumenta enormemente o desequilíbrio entre o salário do operário e o valor da sua força de trabalho. Isto significa a ação cada vez mais brutal da lei geral de acumulação capitalista que condiciona o empobreecimento relativo e absoluto do proletariado. O aumento da exploração da classe operária no processo da produção é completado pelo saque que o operário sofre como consumidor. Os operários são obrigados a pagar grandes somas aos monopólios, que estabelecem elevados preços monopolistas para os produtos por elas produzidos e vendidos.

Nas condições do capitalismo monopolista, as mercadorias produzidas pelos monopólios são vendidas já não pelo preço de produção e sim por preços monopolistas, sensivelmente mais elevados.

Preço monopolista. O preço monopolista é igual aos gastos com a produção mais o lucro máximo, que é sensivelmente mais elevado que a taxa média de lucro; o preço monopolista é mais elevado que o preço de produção e, via-de-regra, superior ao valor das mercadorias. Ao mesmo tempo, o preço monopolista, como mostrava ainda Marx, não pode eliminar as barreiras definidas pelo valor das mercadorias. O elevado nível dos preços monopolistas não altera a soma do valor e da mais-valia produzidos dentro do sistema capitalista mundial: o que é ganho pelos monopólios, é perdido pelos operários, pequenos produtores e pelas populações dos países dependentes. Uma das fontes do lucro máximo, recebido pelos monopólios, é constituída pela redistribuição da mais-valia, em consequência da qual as empresas não monopolistas, freqüentemente, não conseguem obter nem mesmo o lucro médio. Mantendo os preços num nível elevado, superior ao valor das mercadorias, os monopólios se apropriam dos resultados do aumento da produtividade do trabalho.

Isto e da diminuição dos gastos com a produção. Desta forma, elas oneram a população com um tributo cada vez maior.

A política alfandegária dos Estados burgueses constitui uma importante arma do aumento monopolista dos preços. Na época da livre-concorrência eram principalmente os países mais fracos que recorriam a altas tarifas alfandegárias, pois sua indústria necessitava de proteção contra a concorrência estrangeira. Na época do imperialismo, pelo contrário, as altas tarifas alfandegárias servem aos monopólios de meio de ofensiva na luta pela conquista de novos mercados. As elevadas tarifas auxiliam a manutenção dos preços monopolistas dentro da pais.

Tendo em vista a conquista de novos mercados externos, os monopólios empregam amplamente o «dumping» — venda de mercadorias no exterior por preços bastante inferiores aos que vigoram no mercado interno e, freqüentemente, mesmo abaixo do custo da produção. O aumento das vendas para o exterior, em caráter de «dumping», permite manter os preços elevados no mercado interno, sem diminuir a produção, sendo que as perdas, condicionadas por este tipo de exportação, são cobertas com o aumento dos preços no mercado interno. Depois que dado mercado externo já está conquistado e preso aos monopólios estes passam à venda das mercadorias por preços monopolistas elevados.

A exploração das massas camponesas pelos monopólios se exprime, antes de mais nada, pelo fato de que o poder dos monopólios gera o crescente desnível entre os preços dos produtos agrícolas e as mercadorias industriais (as assim chamadas «tesouras» dos preços); vendendo as mercadorias por preços artificialmente elevados, os monopólios, ao mesmo tempo, compram aos camponeses os seus produtos por preços extremamente baixos. Os preços monopolistas, como instrumentos da exploração da agricultura, freiam o seu desenvolvimento. Uma das mais potentes alavancas utilizadas para o depauperamento das economias camponesas é constituída pelo desenvolvimento do crédito hipotecário. Os monopólios envolvem os camponeses em dívidas e depois, por um preço infímo, se apoderam de suas terras e bens.

A compra pelos monopólios dos produtos da economia camponesa, por preços extremamente baixos, absolutamente não significa que o consumidor urbano receba gêneros alimentícios baratos. Entre o camponês e o consumidor urbano estão os intermediários — comerciantes unidos em organizações monopolistas que levam à ruina os camponeses e roubam o consumidor urbano.

Em seu trabalho «A política do Partido Comunista no campo», Maurice Thorez escrevia: «O capitalismo

conseguiu transformar a pequena propriedade camponesa — as «parcelas», onde os camponeses trabalham às vezes de 14 a 16 horas diárias — não em meio de existência e florescimento dos trabalhadores do campo, mas em instrumento da sua exploração e escravidão. Por meio de hipotecas, por meio das maquinárias dos piratas financeiros, por meio de impostos elevados, de elevadas somas cobradas pelo arrendamento e, principalmente, por meio da concorrência dos grandes capitalistas proprietários de terras, a burguesia arruina os camponeses pequenos e médios».

Mais ainda, outra fonte dos lucros máximos dos monopólios é constituída pela escravidão e pilhagem dos países economicamente atrasados e dependentes pela burguesia dos países imperialistas. A pilhagem sistemática às colônias e outros países atrasados, a transformação de uma série de países independentes em países dependentes, constitui um traço inalienável do capitalismo monopolista. O imperialismo não pode viver e se desenvolver sem a constante afluência de tributos provenientes dos países por ele pilhados.

Os monopólios recebem enormes lucros, antes de mais nada, das suas inversões de capital nos países coloniais e dependentes. Estes lucros são o resultado da mais feroz e desumana exploração das massas trabalhadoras do mundo colonial. Os monopólios obtêm estes lucros através de uma troca não equivalente, isto é, por meio da venda de suas mercadorias aos países coloniais e dependentes por preços sensivelmente acima do seu valor, bem como através da compra de mercadorias produzidas nestes países por preços desmesuradamente baixos, que não chegam a cobrir o seu valor. Ao lado disto, os monopólios recebem das colônias grandes lucros relativos a transações bancárias, seguradoras e ao transporte.

Finalmente, as guerras e a militarização da economia constituem fonte de lucro para os monopólios. As guerras enriquecem enormemente os magnatas do capital financeiro e, nos intervalos entre as guerras, os monopólios procuram manter o nível dos seus lucros através de uma incessante corrida aos armamentos. As guerras e a militarização da economia proporcionam aos monopolistas grandes encomendas militares, pagas pelo tesouro por preços artificialmente elevados e uma enorme torrente de concessões e subsídios provenientes dos orçamentos estatais. As empresas que trabalham para fins militares colocam-se em condições excepcionalmente favoráveis em relação à obtenção de matérias-primas, materiais de produção e força de trabalho. Tódas as leis trabalhistas são revogadas, os operários são mobilizados, as greves proibidas. Tudo isto dá aos capitalistas a possibilidade de elevarem ao máximo o grau de exploração por meio da elevação da intensidade do trabalho até os últimos limites. Simultaneamente baixa o nível de vida das massas trabalhadoras, como consequência do aumento dos impostos, da carestia da vida, da introdução do rationamento dos gêneros alimentícios e de outros artigos de primeira necessidade.

Desta forma, a militarização da economia capitalista, tanto durante as guerras, como em tempo de paz, significa a intensificação da exploração das massas trabalhadoras, atendendo aos interesses do aumento dos lucros máximos dos monopólios.

A lei econômica fundamental do capitalismo contemporâneo, determinando todo o desenvolvimento do capitalismo na sua etapa imperialista, dá a possibilidade de compreendermos e explicarmos o inevitável aumento e o aguçamento das contradições insolúveis que lhe são próprias.

Funcionam sem produzir ruído, fuligem ou impurezas

O gerador de vapor é composto de uma série de caldeiras tubulares como as que ordinariamente são empregadas para as instalações térmicas. Com o objetivo de elevar seu rendimento calorífico, os tubos são de diâmetro reduzido. Se o material refrigerador é um metal, este passa em estado líquido por entre os tubos, dentro dos quais circula a água, que se vai convertendo em vapor. O vapor, que sai do gerador para dirigir-se às turbinas é inofensivo. A temperatura e a pressão do vapor determinam o coeiciente útil da central em seu conjunto, que pode oscilar entre 20 e 30 por cento. Parte da energia obtida deve invertir-se em pôr em movimento um grande número de bombas e ventiladores. Calcula-se que o consumo interno de energia não passa de 4,5 por cento, isto é, menos que nas centrais térmicas ordinárias.

As centrais elétricas atômicas têm várias particularidades. Não necessitam de ar. Os reatores e os geradores de vapor funcionam sem ruído e não empoeiram o ambiente nem desprendem fuligem. O consumo de combustível é insignificante. Por exemplo, uma central de 1 milhão de quilowatts só utilizará entre 100 e 200 gramas de urânio por hora.

O urânio passa a plutônio e o tório a urâno

As centrais atômicas não têm agora só a tarefa de produzir eletricidade; também se dedicam a proporcionar novos combustíveis nucleares artificiais. Com esse objetivo, a parte central do reator pode ser feita de materiais de desagregação intensa, isto é, de materiais que contenham uma elevada quantidade de urânio 233 ou de plutônio 239. Tais reatores se rodeiam de uma cobertura de urânio 238 ou de tório 232. Sob a influência dos neutrons que vão parar a esses materiais, neles se produzem vários processos de cuios resultados os núcleos de urânio 238 se transformam em plutônio e os núcleos de tório 232 em urâno. Estes dois novos elementos possuem as mesmas propriedades favoráveis que o urânio 235 natural. Os materiais com o novo combustível formado são enviados periodicamente às fábricas químicas, onde se desprendem puros.

Os reatores produzem mais combustíveis do que consomem

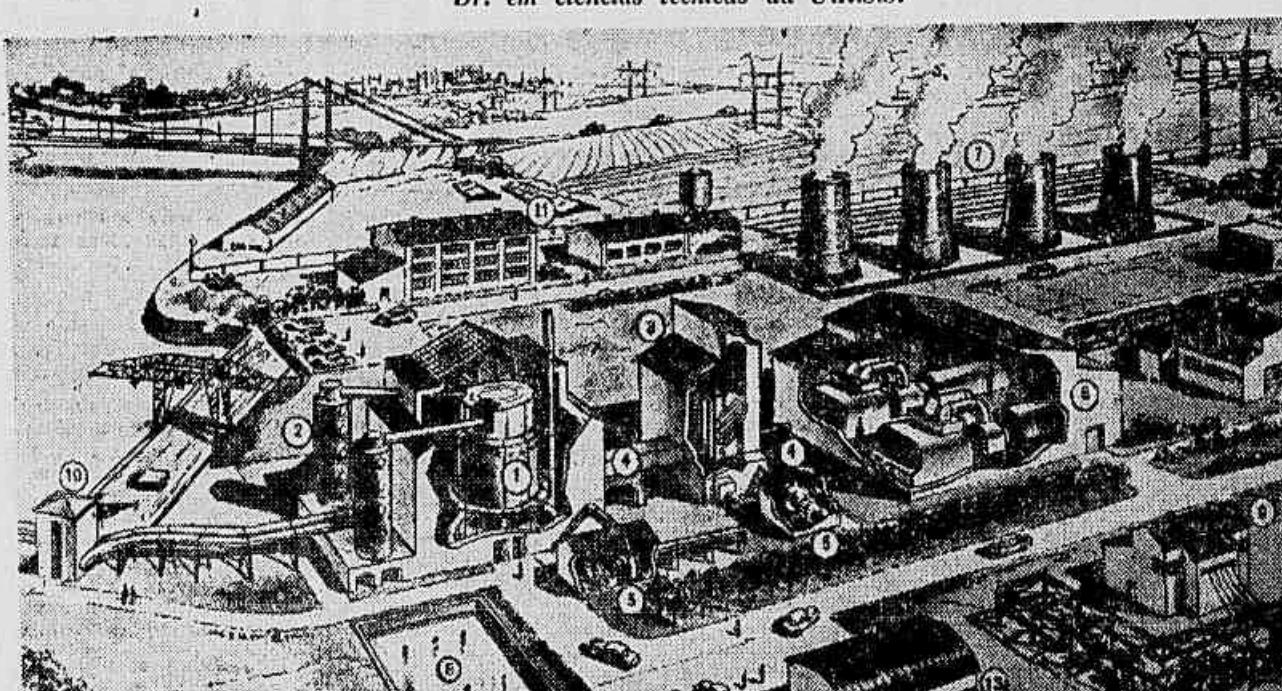
Os reatores destinados à produção de novos combustíveis químicos, onde se desprendem puros.

A Energia Atômica a Serviço da Paz

COMO FUNCIONA A USINA ATÔMICA DA UNIÃO Soviética

As interações nucleares — O processo de desprendimento de energia — A Central Elétrica à base de energia atômica em pleno funcionamento

Prof. V. ROMADIN
Dr. em ciências técnicas da U.R.S.S.



Uma das variantes da central elétrica alimentada por combustível atômico — 1) Reator atômico — 2) Dispositivo para a modificação da temperatura — 3) Caldeira a vapor — 4) Conduto principal para o vapor — 5) Bomba para o condensador — 6) Turbinas geradoras — 7) Câmara para a evaporação — 8) Tanque para a refrigeração da água — 9) Transformador — 10) Bomba — 11) Oficinas — 12) Depósito — 13) Administração

de hélio, de cada quilograma de hidrogênio se desprende uns 150 bilhões de grandes calorias.

Se se colocasse um quilograma desse combustível nuclear sob uma montanha piramidal de um quilômetro quadrado de base e um quilômetro de altura e se se «fizesse voar» esse combustível, a montanha com seu peso de bilhão de toneladas saltaria a uma altura de 65 metros.

A reação de síntese dos núcleos é utilizada nas bombas-H, na forma de explosão. Hoje em dia torna-se difícil indicar um modo qualquer de utilização deste processo com fins industriais, pois as reações termonucleares se produzem a temperaturas muito altas, que chegam a milhões de graus.

Produção de combustíveis nucleares artificiais

Para a obtenção da eletricidade a partir da energia nuclear empregam-se presentemente os combustíveis nucleares de desintegração. O elemento natural de desintegração mais apropriado para a obtenção da energia é o urânio 235, metal de cor cinzenta e de um grande peso específico. Uma bolinha de urânio de 45 milímetros de diâmetro pesa um quilograma. O urânio 235 encontra-se na natureza misturado em pequenas quantidades com o urânio 238. A insignificante quantidade em que se encontra nas reservas minerais do urânio dificulta o progresso da energia nuclear, pois os fragmentos de urânio 235 aderem quando se rompe o urânio 238, o que é chamado de fissão. O urânio 238 é um pouco mais pesado que o urânio 235.

Ultimamente, os pesquisadores aprenderam a utilizar os processos das interações nucleares, nas quais se despende uma quantidade de energia incomparavelmente maior que nas reações ordinárias.

O desprendimento da energia nuclear é possível na síntese do urânio 235, na forma de explosão. Hoje em dia torna-se difícil indicar um modo qualquer de utilização deste processo com fins industriais, pois as reações termonucleares se produzem a temperaturas muito altas, que chegam a milhões de graus.

Um sélo de correio pesaria 5 milhões de toneladas

A estabilidade do núcleo conseguiu sómente em virtude da força, ainda maior, que levam o nome de nucleares. Essas mantêm comprimidas as forças elétricas e conservam desse modo a estabilidade do núcleo. Pode-se dar uma ideia da potência das forças nucleares pela extraordinária densidade de que a matéria adquire no núcleo. A densidade da água, segundo se sabe, é de uma tonelada por metro cúbico.

Pela matéria nuclear, sujeita pelas forças nucleares,

terminar que a velocidade dos fragmentos desagregados corresponde a uma temperatura de 400 a 500 bilhões de graus.

Orienta e um por cento de toda a energia desprendida na decomposição do núcleo obtém-se precisamente dos fragmentos nucleares que saltam com tanta rapidez. Por conseguinte, a energia nuclear é maior que a obtida a partir da decomposição dos núcleos, a regiões, a uma velocidade dada. A instalação onde se produz o processo regulado de desagregação dos núcleos tem o nome de reator nuclear, o qual, atendendo os fins que cumpre, lembra a fábrica da caldeira ou a fábrica de turbinas ordinárias. Para obter a energia nuclear é necessário que a água seja aquecida, a água, os gases ou os metais líquidos. Se para a refrigeração se emprega a água, esta, a uma pressão entre 50 e 100 atmosferas, chega a 250 ou 300 graus; se se empregam metais e gases, a temperatura pode ascender a 500 ou 550 graus. Os materiais que se aquecem, polos, e passam aos geradores, onde cedem seu calor proporcionando vapor de uma pressão de 10 ou 15 atmosferas e a uma temperatura que oscila entre os 200 e os 600 graus.

Falemos agora da central elétrica atômica. Compreende de quatro seções: de reatores, de geradores de vapor, de turbinas e de produção de eletricidade. A seção principal consta de um ou vários reatores e é o coração da central. Segundo se apanha antes, quando os núcleos se desagregam desprendem-se energia, que é a que aquece, a mantém a uma velocidade dada. A instalação onde se produz o processo regulado de desagregação dos núcleos tem o nome de reator nuclear, o qual, atendendo os fins que cumpre, lembra a fábrica da caldeira ou a fábrica de turbinas ordinárias.

O reator é rodeado de um material de desagregação intensa, isto é, de materiais que contenham uma elevada quantidade de urânio 233 ou de plutônio 239. Tais reatores se rodeiam de uma cobertura de urânio 238 ou de tório 232. Sob a influência dos neutrons que vão parar a esses materiais, neles se produzem vários processos de cuios resultados os núcleos de urânio 238 se transformam em plutônio e os núcleos de tório 232 em urâno.

Estes dois novos elementos possuem as mesmas propriedades favoráveis que o urânio 235 natural. Os materiais com o novo combustível formado são enviados periodicamente às fábricas químicas, onde se desprendem puros.

Deve assinalarse aqui durante o funcionamento do reator desprendem-se uma grande quantidade de neutrons e uma poderosa carga de raios gama, muito nociva uns e outros para o homem. Por isso, os reatores e geradores de vapor se encontram rodeados de sólidas paredes de cimento e não se permite o acesso a elas enquanto estão em funcionamento. Sua direção se efetua à distância, com ajuda de aparelhos automáticos.

Incessante refrigeração do reator

Da mesma maneira o reator desprendem-se neutrons que estimulam outros ou trés neutrons.

O reator é rodeado de um material de desagregação intensa, isto é, de materiais que contenham uma elevada quantidade de urânio 233 ou de plutônio 239. Tais reatores se rodeiam de uma cobertura de urânio 238 ou de tório 232. Sob a influência dos neutrons que vão parar a esses materiais, neles